

Sociedade Amigos da Biblioteca
Municipal de Sumaré

Concurso Literário
“Prêmio Helena Prates”

Memórias



Concurso Literário
“Prêmio Helena Prates”:

Memórias

Sociedade Amigos da Biblioteca
Municipal de Sumaré (Org.)

Concurso Literário
“Prêmio Helena Prates”:

Memórias

Sumaré
2021

Copyright© 2021

Sociedade Amigos da Biblioteca Municipal de Sumaré
É permitida a reprodução desta obra, desde que citada a fonte e sua
autoria. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Ficha técnica

Projeto e realização:

Sociedade Amigos da Biblioteca Municipal de Sumaré
www.amigosdabiblioteca.org.br

Arte e Capa: Aline Natália Camargo

Diagramação: Wellington Correia de Oliveira

Fotos: Joana D’Arc Amorin (arquivo pessoal)

***Comissão organizadora do
Concurso Literário “Prêmio Helena Prates”***

Aline Natália Camargo

Antônia Maria da Câmara

Antônio Daniel do Carmo

Carlos Eduardo de Lima dos Santos

Cah López

Joana D’Arc Amorin

Laudemir Merlini

Marcio Spezi

Miriam Rocha

Noilson Pereira

Wellington Correia de Oliveira

Wesley Silva

C744 Concurso Literário “Prêmio Helena Prates”: memórias
/ Sociedade Amigos da Biblioteca Municipal de Sumaré
(org.) - 1. ed. - Sumaré: Ed. do Autor, 2021.
99 p. ; 14 x 21 cm

Inclui biografia.
Contém fotos em p&b.

1. Literatura brasileira - coletânea. 2. Poesia. 3.
Miniconto. I. Título.

CDD 808.89

Cesar Póvero.

DRT 2 – 094 - Ator de teatro e cinema, cenógrafo e figurinista, autor de poemas, crônicas, contos, romances, dramaturgia e roteiros. Bacharel em Rádio, TV e Multimídia Pós-graduado em Cinema e Linguagem Audiovisual, Licenciado em História. Atuou em 24 peças de teatro. Escreveu 43 peças teatrais. Autor de textos no poeteria crônica. blogspot.com e “Liquidificultura” no site campinas.com.br. Autor dos livros “Casa Nua” (2010) e “Apartamentos Vazios” (2015). “Roteirista do curta-metragem Um Erro Chamado Noêmia” e de “Os Medos de Matilde” que também dirigiu. Faz parte da Cia de Teatro São Genésio como ator, dramaturgo, figurinista e cenógrafo. Participou como poeta no projeto “Cartas pela sobrevivência da poesia, ou pela poesia da sobrevivência” SESC Campinas.

Daniel Constantini.

Desde 2006 atua em sua cidade (Amparo-SP) promovendo eventos culturais e organizando caravanas que levam as pessoas às feiras de livros em São Paulo, tais como Bienal do Livro, BGS, Comic Con Experience e Mega con. Funcionário público bancário de profissão, Daniel Constantini teve sete contos de sua autoria publicados em antologias por duas editoras: Giz e Andross. Trabalhou oficialmente como organizador de coletâneas na Litteris Editora (2017 / 2018) e também, com a mesma função, na editora Andross. Atuou ainda na curadoria das produções literárias “Baladas medievais”, “Além da magia” e “Não saia agora!”, nas quais também teve contos de sua autoria publicados. Em 2019, publicou seu primeiro livro: Khaos e Khalmaria – contos para um café da tarde, pela Litteris Editora.

Lucia Mesquita.

Bacharel em Biblioteconomia pela PUC - Campinas, a profissional atuou no SESI de Indaiatuba no cargo de bibliotecária durante oito anos. Leitora assídua desde sempre, Lucia Mesquita prestou diversos cursos e trabalhou em seminários de Oficinas e de Projetos de Desenvolvimento de Incentivo à Leitura; também esteve muitos anos trabalhando como bibliotecária escolar e é criadora do podcast literário “Grandes Livros, pequenas leituras” e faz parte do Clube Tripas, um grupo de bibliotecários leitores que publicam resenhas no Instagram. Atuou também como curadora no Projeto Viva Leitura e como jurada e avaliadora para a Fundação Zumbi dos Palmares (Prêmio Agostinho Neto – 2020), além de dar apoio profissional a professores na elaboração de projetos envolvendo leituras e pesquisas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PREFÁCIO	12
HELENA PRATES - <i>Biografia</i>	13
POEMAS - HELENAS PRATES	
DE VOLTA À BAHIA	15
SAUDADE DA MINHA TERRA	16
TEMPO QUE VIVEMOS	17
HOMENAGEM - <i>Comissão Organizadora</i>	
O ÚLTIMO BEIJO	
<i>Antônia Maria da Câmara</i>	21
VOAR	
<i>Antônio Daniel do Carmo</i>	22
A DAMA DAS ARTES	
<i>Cadu Lima</i>	23
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA	
<i>Márcio Spezi</i>	24
“RETICÊNCIAS”	
<i>Wesley Silva</i>	25
PREMIADOS - POEMAS	
MARIA FUMAÇA	
<i>Antônio Zoadelli</i>	27
TEMPO-ESPAÇO	
<i>Marina Straci</i>	28
AINDA LÁ	
<i>Eduardo Carvalho</i>	29
PREMIADOS - MINICONTOS	
PORQUE GOSTO DE VOCÊ	
<i>Victor Schlude</i>	31
PERFUME DE LAVANDA	
<i>Ricardo Mainieri</i>	32
JOGO	
<i>Lena Luiz</i>	33

CLASSIFICADOS - POEMAS

A MENINA E O TEMPO	
<i>Ana Paula Favaro</i>	36
ALÍVIO	
<i>Priscila Mancussi</i>	37
ANAMNESE	
<i>Cocota-san</i>	38
AOS AVÓS SERTANEJOS	
<i>Claudia Paixão</i>	39
APARECIDO	
<i>André Lima</i>	40
AVANÇOS E DESAVANÇOS	
<i>Luciano Pedro</i>	42
“AVE”	
<i>Gisela Lopes Peçanha</i>	44
CORAÇÃO ACAMPADO	
<i>Lilliany Hadler Azevedo de Piza</i>	45
DELE	
<i>Peri Grego</i>	46
EU TROCARIA A ETERNIDADE POR UM ABRAÇO SEU	
<i>Viviane Ferreira Santiago</i>	47
FÚRIA DA QUIMERA	
<i>Janete Sales Dany</i>	48
INFÂNCIA	
<i>Inês Carolina Rilho</i>	49
“INFELIZ DAQUELE QUE SE ENGANA”	
<i>AM²</i>	50
LEMBRANÇAS	
<i>WFS</i>	51
“MEMÓRIA”	
<i>Cida Almeida</i>	52
MEMÓRIA À CURRUÍRA	
<i>Carla Peruzzo</i>	54
MEUS CINCO ANOS	
<i>Ricardo Mainieri</i>	55
MINH’ALMA	
<i>Sarah Passarella</i>	56
MINHA INFÂNCIA	
<i>Delita Pereira da Silva</i>	57

NA MINHA ÉPOCA	
<i>Dyego Maltz</i>	58
O DIÁRIO	
<i>Carla Cristina Belarmino dos Santos</i>	59
O REFLEXO	
<i>Jerson Lima de Brito</i>	60
PEREGRINO DO AMOR	
<i>Áster Morena</i>	61
RECORDAÇÕES	
<i>José M. M. Pedro</i>	62
SACRIFÍCIOS	
<i>Roque Aloisio Weschenfelder</i>	64
SOMBRAS	
<i>Cris</i>	65
“UMA TARDE NA ANTUÉRPIA”	
<i>Antonio</i>	66
TUDO É PERFEITO	
<i>Natalia Miguel</i>	68

CLASSIFICADOS - MINICONTOS

ÁGUAS PARADAS	
<i>Eduardo Carvalho</i>	70
AO LARGO, 13 FRAGMENTOS	
<i>Sergio Francesconi Scarabotto</i>	72
DO QUE FICA PELO CAMINHO QUANDO AINDA SE É MENINO	
<i>Viviane Ferreira Santiago</i>	74
E FOI NESTE DIA QUE UM GRANDE HOMEM SE FOI	
<i>Ariadni Pereira</i>	76
“EL PIBE DE ORO Y LA MANO DE DIOS”	
<i>Antonio</i>	77
MEMÓRIAS EM FLASHES	
<i>Ana Paula Akemi Matsuda</i>	78
MEMÓRIAS DE UM PRIMEIRO AMOR	
<i>Mayara Tomie</i>	80
NO TEMPO DA PADARIA DO SENHOR CLÁUDIO	
<i>Belchior Chaves</i>	82
O AMÁVEL ESTRANHO	
<i>Ronaldo Dória Jr.</i>	84
O ITARARÉ DAS LETRAS	
<i>Lobo Alves</i>	86
O SEGREDO DA PENA	
<i>Elisabete Padovesi</i>	88
O VISITANTE	
<i>Paulo Bhai</i>	90
QUARTINHO DA BAGUNÇA	
<i>André Lima</i>	92
ME DÁ UM CONTO QUE CONTO UM CONTO	
<i>S. Spézi</i>	94
SURPRESA DA LUA	
<i>Márcia Silva</i>	95
UM CANTO DE SAUDADE	
<i>Tiemi Yamasaki</i>	96
VELHA ESTANTE	
<i>Eudílio A. Cotrim</i>	98

APRESENTAÇÃO

Caros leitores.

É com enorme satisfação que apresentamos o livro *Concurso Literário “Prêmio Helena Prates”: memórias*, pensado e escrito especificamente para homenagear uma excelente escritora, artista e amiga da literatura na cidade de Sumaré. Este livro, composto por poesias e minicontos, é fruto do Concurso Literário “Prêmio Helena Prates”, lançado em 2021 pela Sociedade Amigos da Biblioteca Municipal de Sumaré.

Acreditamos que a união dos escritores na exposição de suas emoções e suas ideias é movimento fecundo no despertar à consciência do nosso tempo e, além disso, reafirmamos a importância do transcendente e do outro irmão neste período de contradições e de intolerância. Portanto, tal ato demonstra a relevância do acesso ao livro e à leitura como direito de todos e, acima de tudo, somos motivados a admitir que o hábito da leitura seja alicerce para outras aprendizagens, na geração de novos conhecimentos, e essencial para o fortalecimento da cidadania.

Esta obra é produzida com muito carinho pela Comissão Organizadora, e agradecemos a todos os participantes do concurso. E, finalmente, ressaltamos nosso agradecimento mais que especial à Helena Prates pela inspiração artística, pela sua luta, pelas dificuldades vencidas e por toda beleza poética dedicada a nós.

Muito obrigado.

Boa leitura!

Carlos Eduardo de Lima dos Santos

Wellington Correia de Oliveira

Sociedade Amigos da Biblioteca Municipal de Sumaré

Prêmio Helena Prates

PREFÁCIO

O presente livro, composto de poemas e minicontos, é parte do resultado de um concurso literário idealizado por um grupo de pessoas, todas muito envolvidas com o universo da escrita. Fico honrado e feliz por fazer parte deste projeto ao lado de amigos e amigas, ainda que, infelizmente, uma dessas pessoas já não esteja mais fisicamente entre nós: a homenageada. Falar de literatura e falar sobre Helena Prates é quase discorrer sobre o mesmo assunto; uma mulher que viveu no meio das artes e dos livros, transitando entre nós, artistas e escritores, sempre dando o ar de sua graça e se expressando ora no teatro ora na música ora nas artes plásticas, e claro, com seus escritos poéticos. Olhávamos para um lado e lá estava ela, participando ou prestigiando.

O livro “Memórias”, que é o resultado físico, impresso do Concurso Literário “Prêmio Helena Prates”, é carregado de lembranças, boas ou dolorosas, alegres ou tristes, expostas aqui por escritores de diversas cidades do Brasil, incluindo Sumaré. Nestas páginas, estão expressos em poemas e minicontos, recortes curtos ou longos da vida de pessoas como nós. Infância, saudade, passado, saudosismo, lembranças e flashes da vida real compõem o livro “Memórias”. Cada autor desta obra contribuiu com sua narrativa, seu relato; com seu jeito próprio de escrever, de contar, de “poetizar” um período de sua vida, ou apenas um pedacinho de sua história. Momentos que, com certeza, estão muito vivos na memória desses escritores, assim como Helena Prates também esta viva na nossa.

Laudemir Merlini

HELENA PRATES - Biografia

Maria Helena Prates Rocha nasceu em 24 de agosto de 1956 em Caetité na Bahia. Filha de Clemente Xavier Prates e Ana da Silva Prates era a irmã mais velha de oito irmãos.

Aos 17 anos se casou com Mariano Alves da Rocha e mudou-se para São Paulo, onde teve dois filhos Mauricio Prates Rocha e Miriam Francine Prates Rocha.

Em 1985 mudou-se com a família para Sumaré, interior de SP, onde viveu até seus últimos dias. Foi em Sumaré que pode vivenciar a arte com toda paixão. Sua primeira poesia datada é “A Primavera” de 1975.

Em 1990 juntou-se ao grupo literário da cidade, e em 1993 fundou o Grupo Literário Renascença. Em 1994, apaixonada pelos palcos, ela fundou o Grupo Carrossel de Cultura onde além de atuar, também dirigiu e escreveu algumas peças que foram apresentadas, como as comédias: “O Papo de Caipira” e “O Segredo de Olinda”; a peça religiosa “O Julgamento” e o drama “O Menino de Rua”.

Em 1992 ela volta a estudar para concluir o primeiro grau e em 1996 se forma no ensino médio. Em 2013 ela se forma em Turismo pela ETEC (Escola Técnica) de Americana.

Entre 1995 e 1999 ganhou a oportunidade de escrever para o jornal “A Voz de Sumaré”, sua coluna “A Voz na Cultura” tornou-se alguns anos depois Janela Aberta. Em 1999 também apresentou o programa A Tarde é Nossa, na rádio Estúdio FM.

Além de poetisa, compositora, atriz, dramaturga, jornalista e radialista, Helena Prates era também artista plástica tendo deixado diversas obras concluídas e algumas inacabadas.

Em 2019 ela iniciou um tratamento paliativo contra um câncer, mas em 29 de novembro de 2020 ela faleceu.

Suas obras foram retratadas em coletâneas de poesias, exposições e nos palcos deixando sua passagem por esse mundo gravado nos corações de quem acompanhou a sua trajetória e admirava seu trabalho.

Prêmio Helena Prates

*Poemas
Helena Prates*

DE VOLTA À BAHIA

Chegando à Bahia
meu desejo realizou
sentindo ali o presente
lembrando o que passou
aqui está tão bonito,
mas pra mim tudo mudou
hoje vivo na cidade grande
mas amo o interior.

Acho mesmo que a natureza
é a presença do amor.
O céu azul, as nuvens brancas,
o verde das matas,
a terra firme e avermelhada,
as sombras escuras das árvores
e a poeira da estrada.

Tudo isso me fascina ao ver tanta beleza
os meus sonhos realizados
misturados à natureza.

Prêmio Helena Prates

SAUDADE DA MINHA TERRA

Hoje eu me recordo da minha terra
De meus amigos e meus irmãos.
Tenho saudade de minha infância
De minha escola e de meu sertão.

Eu me lembro com saudade
Das belas noites de verão
Que ficávamos nas calçadas
Tocando violão.

Agora tudo é diferente
O tempo passa e não volta não,
Eu fico aqui distante
Cercada de solidão.

Meu coração bate forte
Faz-me lembrar do meu jardim
O voo das borboletas
E o gorjear dos passarinhos.

Tenho saudade de minha casa
Da igreja a mais bela
Das manhãs de domingo
Das missas que havia nela.

Hoje moro em São Paulo
Tenho saudade de tudo, mas em vão.
Tenho saudade das quadrilhas
Nas noites de São João.

Adeus minha terra querida
Não sei quando voltarei,
Mas com sinceridade
De ti nunca esquecerei.

TEMPO QUE VIVEMOS

Tempos bravos, jovens, primitivos,
mulheres selvagens.
É este o mundo que vivemos.
Homens desmemoriados e brutos,
como lobos carnívoros
ferindo e matando seus semelhantes.
São incompetentes, corruptos e errantes.
Tais componentes perdidos na perdição.
Todos colhendo sem mesmo saber,
que foi semeada a triste semente
da ambição e do poder.
Enquanto eles plantam estes poderes exuberantes
colhem sem querer,
o que nos sobrou de graúdo
as plantas do sofrer.
Também nós sabemos algo que nos conforta
porque bem atrás da porta
não há só uma arma apontada
pronta para disparar,
existem também sininhos que tocam harmoniosos
para nos recepcionar.
Há pessoas que lutam desesperadamente
para conseguir um lugar no espaço.
Mas, a ignorância nos põe entre saltos.
Correndo, para cima, correndo para baixo.
Sem achar saída,
que por toda vida nos fez de capachos
agora quero vencer.
Abrir os braços e gritar de dor;
para me derrubar só a morte
porque neste mundo todos a temem,
quando chega o dia não há escolha.
Podem ser ricos, podem ser pobres.
Podem ser jovens ou velhos
negros ou brancos
fracos ou fortes.
Não há remédio, dinheiro ou sorte.
Só há um Deus que pode com a morte.

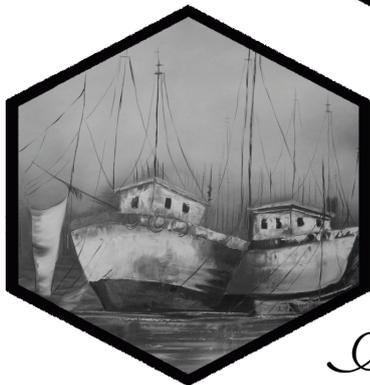
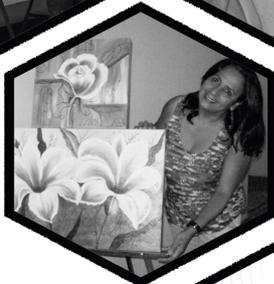
Prêmio Helena Prates

Helena Prates



memórias

Helena Prates



*Homenagem
Comissão Organizadora
do Concurso Literário
"Prêmio Helena Prates"*

Uma homenagem prévia e póstuma a amiga Helena Prates.

O ÚLTIMO BEIJO

Eu não me lembro onde e nem quando nos conhecemos. Pode ter sido no grupo que eu frequentava, e que você dava aula de teatro; ou quem sabe através do próprio teatro; pode ter sido numa esquina qualquer do bairro, já que eu moro numa rua acima da sua; ou em alguma ocasião na casa de um vizinho em comum. Não sei precisar; quando dei por mim, éramos amigas. Amigas de confidências, de falar a verdade sem medo de melindrar.

Onde uma estava, podia procurar que a outra estava por perto. Eu, muitas vezes, em um canto, só a observar, e você a ziguezaguear. Assim era você: inquieta como um beija-flor à procura de néctar. Bem-falante. Uma flor sempre a desabrochar por onde passava. Às vezes, eu sentia até um pouco de “inveja” do encantamento que você despertava nas pessoas. Que lindeza de mulher, que talento! Uma líder por natureza. Pintava e bordava no sentido real da palavra. Poetisa, dramaturga, pintora, atriz... e acima de tudo, mãe, esposa, família e amiga. Que bom que eu tenho um quadro seu em minha parede! E nele eu sei que tem sua alma, pois você já o pintou na sua fragilidade.

Minha companheira de teatro! Que pecado você ter ido tão cedo, interrompendo tantos sonhos a realizar, deixando órfãos da sua alegria, da sua presença, as pessoas que te amam. Que saudade de você, amiga/irmã! Saudade de coisas que não prestamos atenção até perdê-las. Saudade do seu jeito de falar, assim, em falsete, do seu jeito delicado de mastigar; saudade do seu jeito de andar, balançando seus cabelos em forma de rabo de cavalo; saudade até do modo de como você ralhava comigo, dizendo que eu era mandona! Mesmo em tom de bronca você era suave.

Saudade do último beijo, quando naquela manhã de domingo eu me despedi de você – não pude te dar um beijo como gostaria, por causa da pandemia – acarinhado seu rosto suave, teu cabelo a crescer, dizendo que queria te ver logo de pé para fazermos o Sarau Helena Prates, que você tanta queria. Foi então que você me jogou um beijo, meio assim... torto, mas um beijo, que atravessou o quarto e se alojou no meu coração.

Essa é a última lembrança que eu guardo de você, amiga/irmã, e que me aquece o coração, pois você sabia quem eu era. Saudade eterna da amiga que te ama.

Prêmio Helena Prates

VOAR

Eu imagino ser um mundo de etéreos,
Seres independentes de uma casa.
Onde voar, é indiferente à asa,
É existir, sem pulsar a flux aéreos.

De um hemisfério a tantos hemisférios,
Que nos tocam com o amor que nos abraça.
Deixando, ser talvez, tantos mistérios,
Apenas um resquício em que se embasa.

E à menina, que foi tão leve e solta,
Que, leve e solto seu suspiro, teve,
Leve nossas tristuras, e a elas, solta:

No vau do espaço que hoje lhe é mais leve,
E sempre tenha à sua eterna volta,
Nossa lembrança desta vida breve.

Antônio Daniel do Carmo

A DAMA DAS ARTES

Helena Prates amava a vida,
Helena Prates amava a arte,
Com singeleza e muito talento
Deixou o seu legado por toda a parte.

Simplesmente era a Dama das Artes,
Que tivemos o privilégio de contemplar
Seus múltiplos talentos que incluíam:
Escrever, atuar, pintar, cantar e encantar.

Só nos restam as memórias
De uma amiga muito querida.
Uma jóia rara de inestimável valor
Que jamais deverá ser esquecida.

Prêmio Helena Prates

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Memórias... Memórias... Rememorar é reviver o passado, o já vivido.

O que elas têm em particular? O que elas têm de coletivo? Com os amigos, me diverti ao lembrar das TVs de 40, 50 anos atrás. Eram de válvulas. Ao serem ligadas, levavam vários segundos até aparecer um ponto luminoso no meio da tela. Depois, esse ponto virava uma linha luminosa que se desdobrava em ondas até finalmente aparecer uma imagem em branco e preto com péssima resolução (se comparada à tecnologia de hoje). Memórias recheadas de sentimentos e significados.

E o que podemos falar daquelas memórias que são únicas, que tiveram apenas um expectador, ou nem isso, apenas um sujeito em ação?

Seriam as memórias determinadas pelas Moiras (ou Parcas), que na mitologia arquitetam nosso destino, enquanto tecem nosso fio de vida, medem e relatam nossa trajetória até que, a última delas, num movimento preciso, ponha fim na saga dessa existência humana?

O que vivemos no agora será memória num breve futuro. Memórias, por exemplo, de uma pandemia que nos tira o sono. Memórias que sobreviveram ao longo do tempo para serem recontadas pelo olhar de quem conta. Memórias felizes? Memórias tristes? Memórias construídas que trazem significado a uma existência.

E assim me chega Helena Prates. De memórias emprestadas. Memórias gentilmente cedidas por terceiros que tiveram o privilégio de conhecê-la, que revivem a história de uma mulher que sempre se posicionou, que estava a frente de seu tempo, determinada, que inspirava pessoas e fluía nas artes. Justa homenagem desse concurso literário.

Participar do processo deste concurso me chega carregado de responsabilidade, ao lidar com vidas, sonhos, expressões e histórias alheias. Como ser justo ao me deparar com a doação criativa do outro? Quais critérios determinam um bom de um mau texto?

Eu, neste processo, deixei que tocassem meu coração, que me divertissem e encantassem pela semântica das palavras escolhidas, pelo ritmo que a ideia era transmitir.

Agradeço a contribuição e doação de todos os participantes. Espero ter tido discernimento e sensibilidade, junto com os outros membros da comissão, para apontar os textos que iriam fazer parte desta publicação. E que venham as próximas edições, pois a arte dá cor às memórias e sentido a vida!

Márcio Spezi

“RETICÊNCIAS”

Quando você deixa o outro ir, não dói mais. Por que é tão difícil deixar o outro ir? Desapegar-se daquela pessoa por quem você cultivou paixão, sonhos, diálogos que não aconteceram e lembranças que parecem muito mais bonitas do que realmente são. É difícil deixar o outro ir; soltar a mão de quem você queria por perto é quase uma tortura consentida. É como se você estivesse se sabotando, provocando dor a si mesmo. Demora muito até conseguirmos aprender e entender o quão bom é o desapego. Não esse desapego descarado, esse “pouco caso” e falta de responsabilidade afetiva que as pessoas têm chamado de desapego hoje em dia. Falo sobre se entregar a despedidas, a aceitar que tudo começa e tem final. Que você precisa se reinventar, precisa fazer morada em outros corações, em outros lugares, e precisa deixar os outros fazerem morada em você. Tudo que chega já vem com a partida; pode ser amanhã, daqui uma semana ou dez anos; pois tudo o que nasce, morre; é o ciclo da vida. E impedir que esse ciclo aconteça é se matar aos poucos, é viver uma morte constante, é viver um fim que não tem fim.

Soltar as mãos de quem precisa ir é abrir as portas para uma vida nova, para um recomeço, para uma chegada inesperada. Assim como um dia esse alguém foi uma surpresa gostosa, um acaso maravilhoso, quase uma sorte tremenda, outros te farão questionar a autenticidade daquele encontro. E quando o telefone tocar, você vai sorrir outra vez, o mesmo sorriso bobo que a gente entrega para quem chegou recentemente. Seus braços vão querer abraçar o desconhecido, e tudo começará novamente, só para ter que terminar depois. Terminar e começar; começar e terminar. E quando você entender o ciclo da vida, perceberá que todo mundo que se vai acaba deixando um pouco de si na gente. Acaba deixando uma música, um filme, uma palavra ou um perfume. Deixa aprendizado, deixa maturidade, deixa saudade gostosa de sentir. E nada disso tem explicação, pois tudo isso é viver. É nascer “mundo” e morrer “universo”. A gente não perde quando o outro se vai; a gente ganha uma história, um pedacinho de mundo para a gente crescer e ficar gigante. Quase não cabendo dentro de nós.

*Premiados
Poemas*

Sentado aqui nesta sala
O pensamento me embala
Numa viagem ao passado
Onde vejo-me sentado
Em um banco todo ripado
É o banco de um velho trem
Que desliza mansamente
Sobre os trilhos e dormentes
Num gostoso vai e vem
Olhando pela janela
Tenho uma visão tão bela
Para meus olhos deslumbrar
É a fumaça da caldeira
A desenhar por brincadeira
Lindos contornos no ar
Também o meu pensamento
Mistura-se com a fumaça e o
vento
E no enlevo deste momento
Transponho planície e colina
Tudo que a mente imagina
Quando se está a sonhar
A viagem não termina
Neste meu sonho encantado
Parece sempre encetar
Meu olhar zig zagueia

No rio que serpenteia
Embelezando o serrado
Descendo uma ribanceira
Transformando-se em
cachoeira
E batendo nas pedreiras
Vai sua água espargindo
Deixando o mato molhado
E as flores todas sorrindo
O trem segue firme seu rumo
E sentado aqui eu presumo
Seguir seu rumo também
Sabendo porém
Que o balanceado
No seu trilho enferrujado
Já faz parte de um passado
De gratas recordações
E guardados em minha
memória
Estão as lendas e histórias
Que ouvi nas estações
Onde seu nome aparece
Pomposo e cheio de graça
Quando alguém o enaltece
Chamando-o MARIA
FUMAÇA.

Prêmio Helena Prates

TEMPO-ESPAÇO

2º - classificado

Imagem que vem à cabeça
Tão plena de significado
Dá forma, cor, estado
Ao sentir com profunda destreza

Imagem remota na mente
Lampejo de nostalgia
Nos traz uma triste alegria
Resgate do que a gente sente

Cor de mar, cheiro de maresia
Férias, livre, novo invento
Parece o melhor intento
Que se faz com o que a mente cria

Não esqueça daquele simples fato
Um ato, foto, mensagem de luz divina
Memória a gente acessa e assina
Lá dentro, no interior, um trato

Do gosto de ser tato
Do cheiro de ser palavra
Não há melhor fulgor que um lapso
Uma ponte no tempo-espaço

Marina Straci - Campinas/SP

Há um indelével lugar
habitado pela memória
do que restou história,
contada para retornar
ao espaço de antes,
tão perto, tão distante,
feito de lembrança
dos dias de criança:
um lugar chamado infância.

Ali habitam os pais
que não existem mais;
residem os avós queridos
de semblantes esquecidos;
moram tios e primos apartados
do convívio esmorecido;
encontra-se a esperança
do que já não se alcança
nos fatos do futuro frustrado.

Berço de tantos planos
nem sempre contemplados;
cenário aonde sempre vamos
em resgate dos mesmos projetos:
sonhos de desejos abstratos
diante de obstáculos concretos
que o ingênuo querer não via
na via da esperada conquista
que realizaríamos por decreto.

Um terreno para sementes
da lavoura que sustentaria
a vida contente para sempre
que o passar do tempo traria
ao porvir de tantas certezas
que, então, mal sabíamos,

dependiam de certas proezas
que jamais alcançaríamos
naqueles dias de inocência.

Um país para degredo
da ilusão não alcançada
e transformada em arremedo
daquela transviada estrada
que conduziria à quimera
da realização sonhada
enquanto tudo era espera
que o presente ainda aguarda
na expectante crença que o
delibera.

Muito depois dali,
espaço de tempos adiante,
vistos em retrospectiva,
os anseios do infante
permanecem imaculados
como algo a ser alcançado
pela teimosia da fantasia
cuja realização ele queria
como fato consumado.

Um reduto de resgates
das velhas perspectivas
deixadas sem arremates:
as frustradas expectativas
no aguardo de que, algum dia,
as possibilidades reatem
em uma trama enfim perfeita
uns reinventados fios que atem
a velha esperança assim refeita.

*Premiados
Minicontos*

Conheci você. E foi bom. Nós dois sentados no rabinho do muro da universidade. A parte torta da estrutura de concreto seguia a inclinação da grade; e não a de nossos corpos. Eu penso em você, durante minha agitação de agora, a água ainda quieta na chaleira e eu ansioso com alguma sensação que não consigo elaborar; a mesma que não me permite dormir. Noto o vapor subindo discretamente e reflito se nosso encontro foi tão bom quando meus pelos já erriçados indicam. Essa textura suave e eletrizante que percorre meu corpo e circunda minha libido. É a memória do toque. Do seu beijo solto que passeou pelo meu rosto e pescoço. A rigidez expressiva que avança pela minha pele. Havia acabado de servir a água para o chá quando me lembro. Um corte de tesão rasga a pele de minhas costas; a caneca balança na mão. Seus beijos em tráfego constante, descobrindo minhas dobras e curvas; lugares sobre os quais eu mal penso. E gemo; com sua língua desbravadora, gemo ao longo do trajeto que você define. E, logo eu, tão firme de meus itinerários, me deixo levar por esses caminhos que nem conheço. Sinto sua respiração calma e a eletricidade se esvaindo dos meus poros depois do gozo. Você me beija na testa e eu penso que gostei de onde você me trouxe. Acho que gosto de você.

Sento-me na cadeira e assopro o chá demasiadamente quente para se tomar. Experimento colocar um lábio na beira. Dor. Afago o prenúncio de uma queimadura. Lembro do seu riso solto e do fato de você também ser das linguagens – uma vantagem para compreender minhas paixões. Sinto um vazio. Volto a olhar a escuridão da cozinha. Eu aqui escondido de mim mesmo, iluminado somente com a luz da bancada, assoprando esse chá quente demais para se tomar. Irrito-me com o sono que não vem e nesse acordar de todos as noites e manhãs em silêncio. Não vejo seu rosto colado em meu ombro ou seu sorriso quando passo da hora na cama. No chão, com roupas ou sem roupas, com bolsas ou sem bolsas, só eu me deito, só eu rolo, só eu ando. Só eu. Essa solidão, de alguma maneira, sempre me teve refém. É fato que me vejo sozinho no mundo. E assopro forte o chá como que para espantar esses pensamentos, esses medos e incertezas. Olho mais uma vez a casa silenciosa e penso em meu corpo invadindo os espaços. Meus espaços. Uma solidão com a qual me relacionei ultimamente no último par de anos. Mas não é assim a solidão que sinto. Não é sobre essa amplitude do espaço todo meu. Da existência só minha. Isso que carrego no peito não é novo. E tenho medo. Da falta de alguém, da minha insegurança, da sua ausência. Porque foi bom. Porque conheci alguém. Porque penso que gosto de você.

Victor Schlude - Campinas/SP

Prêmio Helena Prates

PERFUME DE LAVANDA

2° - classificado

Revendo a antiga fotografia, lembrou-se do tio. Emoldurado num retrato de uma cena familiar. Recordava-se da baixa estatura, dos cabelos negros, da voz grave. E de sua colônia Contouré. Daquele perfume de lavanda intenso. Que invadia todo o ambiente e era um sinal característico de sua presença.

Seu tio, ainda, morava na velha casa, com a mãe. Trabalhava como atendente de farmácia. Era vaidoso, solteiro, e se encharcava com o perfume oloroso. Rotina olfativa que se repetia todo final de semana.

No entanto, o tempo tem o dom de apartar as pessoas. De indicar caminhos divergentes aos que se tem afeto.

Atualmente, não sabe maiores informações do parente. O tio saiu de casa. Perdeu-se pela vida, em muitas aventuras e desventuras. Mora, agora, em outro estado e não costuma mandar notícias.

Enquanto aquece seu café, pensa, à beira de terceiridade, naqueles momentos. E observa. Sua pele denuncia alguns sinais, seus cabelos já tem a cor de porcelana. O antigo menino percebe isso, e sente um aperto no peito.

Angustiado tenta reanimar o menino que um dia foi. O garoto que roubava frutas, que lia revistas escondidas, que olhava extasiado as ondas do mar.

Que, agora, cedeu seu lugar ao homem sisudo. Ao senhor preocupado e de poucas palavras. Que olha pela janela e vislumbra um cenário de nuvens escuras.

E que, como Drummond, perdeu a sabedoria das crianças.

Ricardo Mainieri - Porto Alegre - RS

Naquela quarta feira, 14 de dezembro de 1983, na hora do almoço, o Zé me pediu:

- Confirma pra ela, cara? Quebra essa!

- Mas pra que mentir, meu? Fala a verdade. Final de campeonato, ela vai entender. Mentir é falta de caráter.

Mas ele, como sempre, tinha uma frase do Nelson Rodrigues na manga:

- É a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos.

- Mas nós não estamos falando de literatura, nem de política, nem de futebol!

- Como não, como não? Pois eu não estou lhe dizendo que só vou mentir pra assistir o jogo?

Claro que ele me engabelou. Batemos o cartão de ponto, na volta do almoço, com minha promessa: caso fosse necessário, eu confirmaria para a Lílian, namorada do Zé, que ele tinha ficado na minha casa terminando um relatório e depois assistira comigo a final.

- Você fala que eu fiquei puto de ter de assistir do lado de um babaca que nem de futebol gosta, e que ainda deixei você furando os papéis pra colocar nas pastas enquanto corria pra frente da televisão. Que eu sou um folgado.

Essa parte era verdade: ele era, mesmo, um folgado, e um mestre em sua arte, não se pode negar. Mentia como quem mija, e não deixava os bons sentimentos interferirem na busca por resultados, fosse no campo que fosse. Para sorte de todos, nunca mexeu com política nem com literatura, mas no futebol era tão desleal como nos namoros ou no campo profissional. E tudo com sorrisos e muitas firulas. Um calhorda!

Um calhorda que perdi de vista por 30 anos.

No dia seguinte ao da histórica partida que teve um gol aos 46 minutos do segundo tempo e outro aos 48, partida que o Zé não assistiu nem comigo nem com sua namorada, ele foi demitido em um daqueles "cortes" que as empresas estavam sempre fazendo. Quinze de dezembro! Fala sério! Desempregar um grupo de pessoas às vésperas do Natal é muita calhordice, não é? O Nelson Rodrigues deveria ter incluído o mundo dos negócios na frase dele.

Fiquei 30 anos sem ver o Zé e fui encontrá-lo justamente no dia de outra final dramática que terminou bem para o time dele. De novo, foi na hora do almoço, só que dessa vez era um domingo. E quem demonstrou falta de bons sentimentos fui eu. Quase não fiz a maldade, ao vê-lo naquela situação, operando o caixa de um estacionamento aos 55 anos, aparentando ter pelo

Prêmio Helena Prates

menos dez anos mais que isso, mas um demônio me dominou.

- Zé, não ta me conhecendo, cara?

- Pereira, como é que eu não ia lhe conhecer?! Ta com a mesma cara, parece que o tempo não passou pra você.

- E essa barriga, aqui? Eu lá tinha isso?

- Isso aí é calo, meu amigo, é calo!

Papo vai, papo vem, comentamos as rugas, os cabelos brancos, a coincidência de nos encontrarmos em dia de final de campeonato.

- É verdade, foi na véspera do corte. Fui campeão de noite e na manhã seguinte estava desempregado!

E foi aí que eu fiz a maldade.

- E a Lílian acreditou na mentira?

- Acreditou naquela, mas logo me pegou em outra e me deu um pé na bunda. Afinal, quem é que quer um mentiroso beberrão desempregado? Nunca mais tive notícia dela, e você?

- Eu casei com ela. Há 25 anos. Ontem fizemos bodas de prata, e estamos aqui na cidade em viagem de segunda lua-de-mel. Agora moramos no interior, onde temos uma empresinha. Mas, não se preocupe, eu nunca contei nada pra ela.

*Classificados
Poemas*

Prêmio Helena Prates

A MENINA E O TEMPO

A vida é um mistério!

Parece normal não lutar pelos sonhos, sentar e esperar que um dia as coisas aconteçam.

Infelizmente o tempo corre e não podemos pará-lo e nem voltá-lo.

Palavras ficam jogadas ao vento, como folhas jogadas no chão.

Amanhece, anoitece, e eu aqui no mesmo lugar me falto atitude, coragem e força para mudar ou talvez eu não queira mudar. Talvez eu queira mesmo seja que as pessoas mudem tudo por mim.

O Tempo é cruel. E quando você menos espera seu tempo aqui já acabou sua vida finalizou e seus sonhos ficaram presos no tempo, e no abismo do marasmo, esperando sua passagem de ida sem volta.

No momento da minha morte pegarei na mão de alguém, sem saber quem é, porque afinal, deixei minha vida passar e a falta de atitude tomar conta de mim.

Então segurarei a minha própria mão e sentirei meu corpo abandonar todos os meus sonhos.

Sinto uma profunda tristeza de deixar tudo preso ali, naquele tempo.

E no último suspiro vejo todas as oportunidades de mudança que deixei passar, e vejo que a todo o momento o tempo estava me mostrando o caminho certo, mas tudo está perdido agora, porque preferi ficar parada e não fazer nada.

Acreditei que dor de ser humano fosse a pior dor que existe.

Sofremos para lidar com as emoções, frustrações, angústias, falta de perdão, falta de carinho, compreensão, falta de paciência e de amor, até que adoecemos e percebemos que somos fracos e vulneráveis.

Hoje vejo que já tinha tudo para ser feliz e não soube dar valor, mas o tempo passou e a menina que eu era se foi e apenas um suspiro me restou!

Ana Paula Favaro - Curitiba/PR

Olho de minha janela
É nostálgico meu pensar
Me pego em lembranças
Que fortalecem meu caminhar

Sem elas eu não conseguiria
Essa situação enfrentar
Estar longe de quem amamos
E reinventar-se para recomeçar

Somente resiliência
E boas memórias
Bons fluídos e um amor
Conseguem aliviar minha dor

Uma xícara de café
Para aquecer o coração
E um bom papo
Fazem vibrar a emoção

Onde retratos empoeirados
Agora são revitalizados
Trazendo luz e esperança
Aos que valorizam o passado

Prêmio Helena Prates

ANAMNESE

O piscar dos pirilampos
Desperta os meus sentidos
Iluminando priscas lembranças.
Sinto a saudade da felicidade
Do meu bichano enroscado em meus pés
Ouço o trinar do meu passarinho azul
A cantar em coro com os canários da terra
Sinto a alegria do galo da madrugada
Incendiando as ruas do Recife
Revejo a alegria de meu cão
Correndo fascinado atrás da luz dos pirilampos
Cansado voltando para me abraçar
Feliz, como só os cães conseguem ser.
Hoje, sinto uma vontade enorme de imitar-te,
Mijando num poste, olhando pra lua.
Tua felicidade era tamanha
Que o céu retribuía derramando lágrimas
De estrelas cadentes que como tu
Viraram pó, mas que iluminam,
O silêncio empoeirado do tempo.
Que reescreve os recados
Deixados gravados nas pedras tortas
Da Rua do Arame.

AOS AVÓS SERTANEJOS

O sertanejo há muito tempo,
saiu de sua terra para trabalhar.
Alguns vieram pra São Paulo,
cidade que aprenderam a amar.
Passaram por muito sufoco,
mas a maioria não quis voltar.

Meus avôs pra cá vieram,
pra uma vida nova tentar,
aqui chegaram e se casaram
e uma família pôde formar.
Uma casa, assim tiveram,
pois nunca pararam de trabalhar.

Assim são as famílias de muita gente,
que moram na nossa cidade,
se sentarem com seus avós,
muitas coisas vão escutar.
São pessoas muito sábias,
com muito pra ensinar.

Pena que a garotada de hoje,
a seus avós têm desrespeitado...
Acham o tempo todo,
Que eles é que são atrasados.
Não sabem de nada da vida,
mas se acham globalizados.

Ainda tenho minha bisavó,
que muitas histórias me contou...
Da plantação e do gado,
das terras por onde passou.
Como catar nicuri e fazer requeijão...
Em folia de Reis, como era a canção.

Vou terminando, meu amigo,
dizendo para você:
não há nada mais bonito,
do que uma família ter.
Respeite para ser respeitado,
e uma boa velhice, você irá viver!

Prêmio Helena Prates

APARECIDO

De poesias e memórias,
a mente fértil sempre guarda,
do senhor cheio de histórias,
e revistinhas de palavras cruzadas.

Meu medo do passado,
não por ver o tempo correr,
é de se esquecer,
dos momentos tão amados.

Em uma casinha pequena,
de poucos cômodos,
pequena só de olho,
pois de sentimento era extensa.

Abrigava aquele velho,
de cara carrancuda de dar medo,
que falava em tom sério,
sou Aparecido e já faz um tempo.

A cidade o conhecia,
Mesmo que eles não soubessem,
Aparecido era sarrista,
pelo seu bom humor todos o reconhecem.

No seu octogésimo aniversário festivo,
a família reunida sorridente,
e acompanhando mais uns amigos,
e assim celebrava os presentes.

Dias passados e tão rápidos aconteceu,
cerca de uma semana ou menos,
foi no dia seguinte que soubemos,
o idoso adoeceu.

um ataque em seu coração,
fez com que muitos outros,
Ficassem afoitos,
por aquela situação.

memórias

O desfecho da vida daquele senhor,
gentil e bem humorado,
estava para se resumir sem pudor,
em um hospital acamado.

Dias passaram para uma surpresa,
o velho enfurecido,
foi sedado com presteza,
pois nem a morte nem o cansaço o tinham vencido.

Naquele dia tinha levantado fazendo algazarra,
pulou da cama e quase plantou bananeira,
queria ir embora e quebrou óculos da enfermeira.
quase faltou trazerem as amarras.

Depois de todo aquele acontecido,
o idoso parecido feito de ferro,
forjado com o tempo e seu martelo,
voltou pra casa, o seu Aparecido.

Não quero me esquecer das coisas que ele fez,
tampouco das que eu fiz a ele,
nestas memórias sem palidez.
Que têm uma parte de mim e a outra é dele.

Prêmio Helena Prates

AVANÇOS E DESAVANÇOS

As longas palmeiras que acenam suas folhas na
passagem do vento
Me recorda o povo de Jerusalém balançando seus
verdes ramos
Quando criança o que me alegrava era ouvir o bem-te-vi
com seu canto
Mas agora na cidade ao ver as araras me questiono: em
que rumo estamos?!

Não foi somente o homem que saiu da sua pacata vida
na natureza
Os animais por um motivo ou outro também estão
trocando o seu habitat natural
O racional foi na mera ilusão de encontrar tecnologia e
uma vida de realeza
Já os irracionais, em busca de sobrevivência já que em
seu lar nada mais é normal

As paisagens naturais estão sendo modificadas ou até
mesmo destruídas
As fontes estão secando, as plantas morrendo, aves e
peixes quase sumindo
Em nossos lares não está tão diferente, a família prati-
camente desconstituída
Fechada no individualismo de cada um, por meio de
aplicativos vão se interagindo

Às vezes paro e fico a pensar: até onde as novas tecnologias irão nos levar
Será que com tantas conquistas estaremos felizes além do momento?
Afinal, em futuro talvez não tão distante, poderemos enfim nos transportar
Ou será que um dia teremos saudades do simples passeio ao lombo de um jumento?

Quem sabe chegaremos à conclusão de que não é preciso muito para sermos felizes
E que o cantar dos pássaros ao amanhecer se iguala ao anseio de nossas almas
Quem sabe nesse dia o homem redirecionará o coração à simplicidade de suas raízes
E a família enfim deixará de ser um vazio, se alegrará e trará nas mãos o som das palmas.

Prêmio Helena Prates

“AVE”

Tardou, mas veio;
Como um lampejo, luz, estrela, ave...
Sussurros da tua voz interna
Branca, santa; terna, suave.
Correntes de ouro amarradas
Não cansam teus pés:
Não há peso.
É tão grande o tempo...

Tardou, mas veio.
Pelo outono breve do passado
As folhas pendendo, quebradas
De galhos secos, partidos
O chão pardo onde caminhas:
— No véu de um doce mormaço.

Aqui estou eu, ainda viva, do lado oposto.
Então entre, deite e me afague:
Há ascendentes estrelas na tempestade...
Enlaço-me em teu colo único
Protégido, conhecido, aerado
E lembro das borboletas
Que tanto tu amavas...

Brincavas de ser criança: com asas.
Coloria-se de primavera
Fazias guirlandas, com flores tão raras;
Agora, as folhas se escondem
Na cortina do tempo, belo e cálido.

A libélula livre é o teu voo
Mas também, o teu disfarce.
Morrer é reencontrar o ventre
Nascituro do broto, semente
Renascendo, na paz da saudade.

Gisela Lopes Peçanha - Niterói/RJ

CORAÇÃO ACAMPADO

Caindo a chuva fina
Caindo
Clara, cristalina
Caindo

Trazendo em cada gota
Um pingo de lembrança
Dos acampamentos que marcaram
Os invernos da minha infância

Quando fecho meus olhos
Ainda consigo me lembrar
Da barraca pouco iluminada
E das historinhas de ninar

Com minha avó eu aprendia
A fazer o macarrão
Meu avô me levava para as trilhas
Para juntarmos bastante pinhão

Um desses passeios
Ficou marcado para sempre:
De um estouro de boiada
Meu avô me salvou em um repente

O tempo já vai longe
Sua pressa, não pude diminuir
E a falta que eles me fazem
Hoje, só me resta sentir

Prêmio Helena Prates

DELE

Tantas falas
no silêncio
dele.

Quantas falas dele
já me vieram
neste silêncio?

Tanto silêncio
na fala
dele.

Quanto silêncio dele
já me veio
naquelas falas?

Tanto dele
neste silêncio
que fala

Quantos dele
já me vieram
no silêncio e
na fala?

Peri Grego - Valinhos/SP

memórias

EU TROCARIA A ETERNIDADE POR UM ABRAÇO SEU

Tinha uma goiabeira no fundo da casa
e um canto de amor no beiral da janela
que minha mãe me olhava.
um riso fininho,
e o cheiro de feijão cozido
quase queima pra me ver crescer.

eu, fruta do pé
amadurecendo no quintal,
a voz da mãe mansa:
— anda menina, a comida tá pronta!

tinha um vestido rodado, que a mãe me vestia
e os olhos de encanto ao me ver bonita
com laço grande de fita;
as pernas finas
de quem ainda era sonho

eu, tecido fino
se desgastando a cada assear de roupa,
a voz da mãe indo, me deixando aqui só.
— tá na hora, minha filha, cedo ou tarde, todo mundo tem que
partir.

tinha uma senhora a me benzer a cada dia
um amor que de longe,
nunca mais terei.
quando for minha hora,
meu pedido pra Deus
um espaço miúdo
que
me caiba ao lado seu.

Viviane Ferreira Santiago - Ferraz de Vasconcelos/SP

FÚRIA DA QUIMERA

A cama está vazia, não me sinto,
pois a saudade dorme aqui agora,
abraça a minha vida, é labirinto
repleto do passado que devora.

Querido, eu quero nosso amor distinto
de volta, a me encantar, em cada aurora.
O dia nasce, a noite vem e minto
que te esqueci, a lágrima vigora!

Sonhei demais, brinquei de ser feliz,
em cada alvorecer somente quis
sentir um beijo teu no meu sorriso.

Deus sabe realmente o que preciso:
Angariar a fúria da quimera,
reflorescer o amor na primavera.

INFÂNCIA

Infância
Quadra feliz da vida
Tardes tão bem vividas
Cheias de calor

Infância
Tempo rico da existência
Aprendizagem por excelência
Repleta de valor

Infância
São muitos brinquedos e doces.
Rápido passou, mais tempo fosse...
Carregada de amor

Infância
Ela não voltará jamais.
Época acelerada, fugaz
Preenchida com amor

Prêmio Helena Prates

“INFELIZ DAQUELE QUE SE ENGANA”

Infeliz daquele que faz d'um sonho ledó
Esperança, glória e fantástico ideal.
É louco, e dessa loucura tenho medo,
Por ter caído no extremo engano fatal.

Pois quem eu julgava ser meu único amor,
Atirou-me em tão grande e profundo desterro
Que volto como um ludíbrio da dor,
Chorando sem poder corrigir meu erro!

Agora vejo que me enganei, mas a mim o que resta
Daquilo que deixou imensa contrariedade?
Daquilo que em meio aos risos de amor e festa,

Não importa onde, pelas ruas da cidade
Deixou-me infinda lembrança e saudade.
Mas, aquilo... Não era amor! Era apenas amizade.

memórias

LEMBRANÇAS

O que seria da vida sem seus capítulos inesquecíveis.
A lembrança vem para ficar e as vezes fazem sorrir e chorar.
O que seria de nós sem aquelas lembranças que nos faz sonhar.
Algumas contadas, já outras poucos vão acreditar pois são extraordinárias.

Hoje na sala encontrei um retrato de quando era criança.
Tempo bom até às brincadeiras pelas ruas da vizinhança.
Lembro do cachorro e da árvore com balanço.
Como era libertador mergulhar no rio e imergir.
Jogar bola na rua até a noite cair era bom, era bom sim.

No lado desse retrato tinha um diploma do ensino médio.
Foi bom aquele tempo e as mensagens eram no eterno caderno.
Foram descobertas até achar meu próprio universo.
Tempo da minha adolescência foi amor, felicidades e carências.

Logo na parede pude ver “funcionário do mês”, muito gratificante.
Eu cresci tive que trabalhar e continuei a estudar.
Eu envelheci, hoje tenho filhos e netos para brincar.
Me tornei criança novamente a sonhar.
Me tornei o de anos atrás ao lembrar.
E em algum dia alguém olhando minha foto irá recordar.

Prêmio Helena Prates

“MEMÓRIA”

Sinto saudade no peito,
dá vontade de chorar,
quando retorno à infância,
brincando a cantarolar!

Fico triste com o que vejo
porque está tudo tão diferente,
mas aqui na minha memória
ainda guardo tão presente.

Lembro-me da terra quente,
da minha roça querida,
próxima a Serra do Macuco,
um lugar cheio de vida!

Lembro-me do palmar,
do caminho e do gravatá,
da ladeira e do riacho
e do ninho do sabiá!

Lembro-me da água da bica,
doce, limpa e cristalina,
sinto o cheiro da terra molhada
quando o pai fazia a capina!

Lembro-me do fogão de lenha,
pra aquecer lá na cozinha,
esperando assar a broa
feita pela mãe Rosinha!

Lembro-me da arapuça
e do carrinho de rolimã,
que descia correndo a ladeira,
nosso precioso talismã.

memórias

Lembro-me da laranjeira
e do carro de boi a passar,
das flores colhidas no campo
que enfeitavam a sala de estar.

Lembro-me da vovó Kilocha
que logo após o jantar,
reunia todo o pessoal
para o terço meditar.

Lembro-me do vovô Chico,
com o carro de boi a carrear,
também gostava da sanfona
sempre estava a tocar.

Era o aconchego do fim de tarde,
toda família reunida,
sinto muita saudade
dessa tarde longa e colorida!

Fico alegre em pensar
que um dia já fui criança,
era sim, muito feliz,
e por isso, tanta lembrança.

Essa memória tão doce
me alegra o coração,
jamais esquecerei
daquele pedaço de chão.

Prêmio Helena Prates

MEMÓRIA À CURRUÍRA

Chegaste em uma caixa A4 Chamex
Resgatada pelo amor, ganhou o nome de Avelã
Mas não era assim chamada, **Curruíra**, foi o apelido que ganhou
Magrinha, torta, fragilizada ...
Pequena e frágil, logo mostrou-se alegre
Com a mesma dificuldade com que respirava
Tinha a facilidade de ser feliz.

Miado potente de quem não sabe esperar
O potinho tinha que estar cheio, senão era motivo pra reclamar
Olhar atento, pronto pra atacar os pés dos desavisados
De noite, deitava-se ronronante
E aquietava o coração
Do menino autista que alegremente a resgatou
Era da nossa família, família nada tradicional.

Num domingo ensolarado, acordou-nos como era de costume
Seguiu meus passos e me olhou com ternura
Mais tarde naquele domingo
Lutou bravamente para respirar
Seu corpo fragilizado dessa vez não suportou
Na mesma caixa em que chegou
Seu corpinho descansou.

Agora sonha feliz ...
O sonho de todo gatinho ronronante
Com o céu decorado de fios de lã
Com potinhos cheios de ração
Com São Francisco a lhe guardar.

Carla Peruzzo - Sumaré/SP

MEUS CINCO ANOS

olhar
de menino

ausente
na imensidão

metamorfose
de nuvens
em rotação

tempo
inesgotável

sabor
de inocência

fome
de descobertas

sumo
de esperança

fruta que trago
- quase seca -
no peito

que ainda
pulsa e impele

adiante.

MINH'ALMA

Foram tantos caminhos percorridos,
sem encontrar enfim o que buscava.
Becos que sequer tinham saídas,
atalhos onde a vida se acabava.
Vaguei por este mundo às escondidas,
procurando encontrar o que faltava;
amealhei dores, fracassos, despedidas
e jamais o amor que desejava.
Devaneios rodearam minha mente
com oníricos sonhos tão sonhados,
mas senti que tudo era somente,
fruto de um delírio acovardado.
Percorri ruas, vielas empoeiradas,
como poeta sem rumo, sem poesia,
tropeçando em pedras desgastadas
só encontrei a trilha da tirania.
Tentei encontrar no azul do céu,
uma nuvem de nuances tão macia,
mas minhas mãos tatearam ao léu
e não encontrei a estrela fugidia.
Dentro de mim um vazio me apavora
e hoje, minha própria fé vejo ir embora,
sentindo me faltar a paz, a razão, a calma...
Percorri o passado o quanto pude
e perguntando num tom até rude:
em que mundana vida... perdi minh'alma?

MINHA INFÂNCIA

Na minha infância,
Lembro quando criança,
Correndo pelas campinas,
Junto com minhas prima,
Nós íamos muito cedinho,
Pegar agua na mina,

Na mina era tudo natural,
Pegava agua na cacimba,
Colocava no pote e moringa,
Bebia e não fazia mal.

Nunca me sai da lembrança,
Do tempo de criança,
Éramos muito sapeca,
Brincava de esconde - esconde,
Pulava corda e cabra cega,
E ainda jogava peteca.

Nas festas juninas,
Era muita alegria,
Ao redor da fogueira,
Soltava bombas chuvinha,
Cantava cantiga de roda,
E ciranda e cirandinha.

Saltando o pau da fogueira,
Brincava de virar comadre,
Muita seria a brincadeira,
Ser comadre para sempre,
Ser comadre a vida inteira.

Isso não sai da lembrança,
Amizade durável e permanente,
Gosto de lembrar o passado,
Passado já foi presente.

A trilha do passado,
Fica no meu pensamento,
Guardo tudo na memória,
Lembro daquele momento,
Dos meus tempos de outrora.

Prêmio Helena Prates

NA MINHA ÉPOCA

Eu sou bem daquela época
De brincar de polícia e ladrão
Esconde-esconde e pega-pega
De fazer bolinhas de sabão.

Tocava a campainha e corria
Pra mim era a maior diversão
Mas se o dono me via
Lascava-me logo um beliscão.

Aniversariante levava ovadas
Presente de amigo era sabonete
Batia figurinhas nas calçadas
E adorava balançar na rede.

Dez centavos era o pão francês
Kinder Ovo custava um real
Quem não viveu, perdeu a vez
Hoje nada é mais igual.

No São João soltava bombinha
Enraba moleque e estala salão
Com o Bombril fazia chuvinha
Com o Jornal fazia balão

O DIÁRIO

Lá estava ela,
Desnuda...
Desnuda de alegria e esperança.
Trazia consigo um diário com folhas envelhecidas,
Sem pauta, e com algumas folhas em branco.
Que curioso!
Ô que seria?
Mistério ou fantasia?
Literatura ou Física?
Ou será que escrevera uma poesia?
Não se sabe ao certo
Mas, ela carrega consigo um brilho nos olhos.
Foi então, que sentou-se em baixo de uma árvore,
Respirou fundo... com coração acelerado, voz embargada
Abriu o diário que dizia:
“Saudosa mãe”,
Você partiu, e não consegui dizer o quanto te amo.
Sinto saudades!
Você ficará guardada aqui no meu livro, onde algumas folhas
estão em branco, pois foram os dias que não consegui escrever.
Será lembrada em minhas memórias... memórias que doem.
E ali finalizou um capítulo da sua história de vida.

Prêmio Helena Prates

O REFLEXO

Uma aparência estranha dilacera
Os olhos do senhor que, consumido,
Relembra seu brinquedo preferido,
Agora apenas vulto de quimera.

A tempestade infinda, qual megera,
Abriu no cenho vincos e, regido
Pela saudade, um homem desvalido
Encara sua imagem mais sincera.

Envolto pelo açoite que o condena,
Procura dentro dele a velha cena,
A molecada, a rua de cascalho...

O espelho, indiferente ao seu desgosto,
O sonhador enfrenta e pinta o rosto
Do menininho, um tanto até grisalho.

PEREGRINO DO AMOR

Aventurei-me a procurar, querida,
Por todo canto, o teu olhar brejeiro,
O requebrar, o riso feiticeiro,
A pele seda, tátil margarida...

Em cada rua, esquina ou avenida
A perscrutar, sincero e interesseiro,
Peregrinava à noite e o dia inteiro,
Sem olvidar o trauma da partida!

Como uma estrela, em luminosidade
Riscando o céu, veloz, em desatino,
Deixou-me, na cruel obscuridade

E agora como um tolo peregrino,
Te busco, amor, no cerne da saudade
Para aplacar a dor do meu destino!

Prêmio Helena Prates

RECORDAÇÕES

Hoje foi dia de recordações,
De momentos vividos que
Ficaram na memória
Apenas para serem recordados

A beleza de cada recordação
Está em rever pessoas,
Reviver momentos
Visitando novamente lugares
Que nos marcaram profundamente

Aproveitemos cada segundo
Da nossa vida
Pois na vida não há retorno
Apenas recordações

Recordações, são a forma
Que a alma encontra
De renunciar o adeus...
Mantendo presente
A nostalgia do passado

Recordações do passado
Ficam guardadas no baú
Das memórias para sempre...
Mas que abro de vez em vez
Para minha reflexão...
Os momentos bons
Para serem lembrados
E os menos bons, para serem
Compreendidos!

memórias

Vivemos de recordações e memórias
Estas, que foram emtempos,
Momentos partilhados, com amor e carinho
Por pessoas unidas,
Portadores de tantas vivências
E histórias... que histórias!

No coração guardamos
Momentos felizes
E ao mesmo tempo
Um angustiante vazio
Preenchido pelas Recordações

Momentos que trazem
Doces recordações
Instantes, que consigo trazem
Um gostinho de saudade...
Carregados de nostalgia

Pois recordar é sentir
A vida por inteiro,
Diante dos olhos.
Ver sem enxergar
Sorrir perante a vida,
O tempo que passou
E as marcas que deixou.

José M.M. Pedro - Portela/Portugal
In memorian - 01/08/2021 - Lisboa/Protugal

Prêmio Helena Prates

SACRIFÍCIOS

Nome quebrado pela infâmia,
alma bêbada, boêmia,
coração algemado pelos olhos,
vida entregue àquela fêmea.

Sonhos pincelados de arco-íris,
manhãs de rubras auroras,
dias corridos na fábrica,
arrebóis das tardes de outrora...

Mergulhado nas águas do nada,
flutua sobre as ondas do tempo;
mente de pensamentos povoada
na homenagem do vago vento...

mini blusa ela usa
mini conto ele conta
microscópicas ideias
novidades de ponta

sussurros sensuais
gemidos hibernais
noites outonais
palavras divinais

O poema busca sua forma
sem mágoa das personagens.
Não lhe importam os pontuais,
nem virgulares homenagens.

Se fossem amores quaisquer,
para musicais versejares,
não teriam a minha assinatura,
sacrificada em muitos altares.

Passou o tempo,
Passou o eu jovem;
Ficaram lembranças
De muitos matizes.

Roque Aloisio Weschenfelder - Santa Rosa/RS

SOMBRAS

Ainda guardo viva a lembrança
De outrora, dos meus tempos de criança
A casa simples, a lenha crepitando no fogão
Fumaça, cinzas se espalhando pelo chão

Ainda guardo viva em minha mente
A minha infância, ser criança simplesmente
As sombras na parede, feitas com a mão
Criavam vida, à luz do lampião

A parede, enorme tela onde se projetavam
Assustadores monstros, que as crianças assustavam
Imagens do meu mundo tão distante

Sombras na parede, criadas num instante
Neste momento me traz tanta lembrança
De outrora, dos meus tempos de criança

Prêmio Helena Prates

“UMA TARDE NA ANTUÉRPIA”

Em um verão ao luar,
O meu amor me convidou,
Me levar pra passear
Uma tarde na Antuérpia.

Meu lindo amor se esforçou,
Me agradou, me conquistou...
O meu amor me fez feliz
Nessa tarde na Antuérpia!

Era um dia ensolarado...
Cedo tomamos um trem,
Partimos eu com meu bem
Rumo a tarde da Antuérpia.

E veio a estação central,
Um lindo túnel de vidro...
E num saguão de cristal
O céu, a tarde na Antuérpia.

Lá fora um Sol radiante
O zoo, roda gigante
Crianças, balões em cores...
Linda tarde na Antuérpia!

Dos ombros de Antigoon,
Do alto da roda encantada,
A pólis bela espalhada...
Sob a tarde da Antuérpia!

De cima, a bela estação,
Tigris e Leo no zoo,
Contemplavam nosso vôo,
Numa tarde na Antuérpia!

Mais uma volta passou...
E então Druon apontou
Um homem sobre um camelo
Ante a tarde da Antuérpia...

O homem então nos falou:
“É permitido beijar”...
E o primo beijo ecoou
Numa tarde na Antuérpia!

E voltamos ao chão...
Passeamos de mãos dadas
Como num conto de fadas,
Pela tarde da Antuérpia...

Gente alegre pelos bares,
Árvores em bulevares,
Bicicletas nas calçadas,
É a tarde na Antuérpia...

Por casas de diamantes,
Sorvetes e chocolates,
Eu com meu raro brilhante...
Rica tarde na Antuérpia!

E em instantes meus “clicks”
Retratavam o meu amor
Mais perfeito que van Dyck!
Luz da tarde da Antuérpia...

E beijamos com fervor,
Nos namoramos bastante...
Sonho vibrante de amor,
Fim de tarde na Antuérpia...

Ali perto, uma pensão,
Junto a David Teniers...
Nos amamos com paixão...
Suma tarde na Antuérpia!

Amor, dia eternizados...
Sua prima vez eu tinha
E ela também a minha,
Numa tarde na Antuérpia!

“Lua de mel” sem presságio,
Narcisos, Caravaggio,
De Rubens “Vênus e Adônis”,
Nua tarde na Antuérpia...

E a vida se transformou
Naquela bela cidade
Em sonho e felicidade...
Uma tarde na Antuérpia!

Hoje sei, tudo acabou,
Muito tempo passou...
E não tenho mais meu amor
Dessa tarde na Antuérpia...

Daquele dia ficou,
Para sempre na memória,
Lembrança de linda história
Duma tarde na Antuérpia!

E sempre volta pra mim
Uma vontade sem fim,
De ter meu amor de novo e...
Nossa tarde na Antuérpia!

Prêmio Helena Prates

TUDO É PERFEITO

Ser mãe é dar à luz a uma nova vida, nova perspectiva,
já não sou só, trago em minhas entranhas, tu que me acompanha
desde o germinar no ventre até o parir consciente
a cada nova aurora, via teus traços tomando novas formas,
de tão rápido seu crescimento escrevi para ti esse canto:
tu que desde o ventre foste formado,
sendo ou não planejado, abram-se as comportas
rompam os céus em cânticos
um filho está sendo gerado,
já não há enfado,
embora em minh'alma toque um
címballo desesperado
entre os metais e as nuvens
eis que vens e para além de
toda dor, tu encontras
minh'alma imersa em amor".
Te vejo crescer, os primeiros passos mostram um novo começo,
não estaremos a sós, desde o primeiro ralar de joelho
até o dia em descobrires que a alma sofre nesse mundo,
de angústia e tormento, sem desespero,
a poesia, a ciranda nos acompanharão nessa dança
a liberdade, nós a construímos vivendo e lutando,
com paciência e perseverança, constância e amizade,
o auxílio sempre vem,
de onde menos se espera um anjo
sopra um bom coração,
as flores revelam dentro de nós aromas e perfumes, doces e
sutis,
eu tenho a você e você, tem a mim
no florescer de nossa conexão,
caminhamos para o verão,
onde não há mais separação
o sol alumia o coração, a luz lança fora toda divisão,
há pausas e movimentos, é hora de voltar-se para dentro
o outono chega para nos mostrar,
precisamos agora deixar as folhas cair, e seguir
o que poderá separar o amor de uma mãe e um filho?
a doença? a dor?
nada poderá superar o dom supremo derramado,
o amor de uma mãe, e um filho caminhando,
lado a lado.

Natalia Miguel - Campinas/SP

*Classificados
Minicontos*

ÁGUAS PARADAS

Naqueles dias, e já faz tanto tempo que quase nem lembro, eu tinha os meus nove anos, segundo as contas de quem contou, porque naquelas bandas não tinha papel pra provar não.

A gente vivia num lugarejo, que nem lugar era, e que ficava na beira do açude. Diziam que era bom aquilo, no meio de tanta seca. Eu nunca soube o que era seca, porque no açude tinha água de sobra.

A mãe da gente não queria eu e meus irmãos brincando no lago. Vivia com cisma de que a água era doente e ralhava comigo quando eu explicava que a água não, que só têm doença o homem e os bichos, talvez as plantas, mas não a água.

No meio da garotada sempre tinha um que ficava barrigudo. Parecia mulher que ia ter filho e era assim que a gente mangava com eles. Eu sempre pensei que aquela barrigona era de comer, nem podia ser, mas achava. Minha mãe dizia que era a água que fazia isso e não deixava mais ir no açude pra enxotar o tanto de calor.

Ficava brabo com estas histórias de água doente e não acreditava não. Sempre que a mãe distraía, eu reinava por lá o quanto podia. Como era bom, quando ela não via; se visse, ralhava, e às vezes até batia, até eu jurar não ir mais.

Os dias iam com o sol de castigo sem trégua nem nuvem. O número de barrigudos cresceu, até que também fiquei. Nem enraiveci. Todo mundo era. Por que eu não?

De vez em quando, morria um. O pai dizia que virava anjo. Eu não acreditava nisso não, anjo era magrinho. A mãe dizia que morreu da barriga, o pai que era de fome. De jeito ou de outro, era da barriga.

Um dia, bem de-manhãzinha, chegou um baita carrão, desses que eu nunca não tinha visto, parecia uma casa. Lá de dentro do caminhão apareceram um doutor, uma doutora e mais gente que não vestia branco.

Ouvi dizer que eles iam curar as barrigonas. De noite, o pai falou assim que era pra gente ir, porque aquilo era dádiva do raramente. Fiquei cheio de atenção por não saber o que era dádiva. Fui. Podia ser coisa importante.

Na frente do carro, tinha fila de quase todos do lugarejo desde cedinho. Na enfiada eu era detrás do Seu Savério, homem de saber, que bichanou pro seu Pipo em voz sumida que era um tal de Projeto Rondon, e que o doutor não era, estava ainda estudando para ser.

Logo chegou na minha vez e, quando entrando, mostrei a educação que não era só dos doutores:

- Bom dia doutor Rondon.

Ele se riu e respondeu engraçado, com fala de uma língua enrolada que parecia do estrangeiro. Ele era magro, parecia o Tico, filho do seu Pipo, mas o moleque era mais magro do que o moço. Acho que era porque o Tico não ia no açude.

A doutora não estava trabalhando, ela estava lendo uma revista e dizendo pro outro que não sei quantos médicos tinham sido mandados embora lá na capital, que estavam sem onde trabalhar.

Lá no lugarejo sempre tinha trabalho pra gente que nem eles, fome não iam passar. Sempre que aparecia um, os homens de lá davam galinhas, ovos, tudo do bom. Quando a cura era grande, até leitão ganhavam.

Aqueles que estavam lá não aceitavam nada não. Isso ofendia os que queriam pagar. Todo mundo saía resmungando, mas logo esqueciam, gostando da sobra.

Até dos dentes cuidaram, deram remédio, mas não adiantou muito aquela visita, os meninos continuamos barrigudos.

Os outros, que não estavam de branco, colocaram remédio no açude e falaram que era pra ninguém usar a água até três dias. Coitados, eles também achavam que a água estava doente.

Foram embora e deixaram um cheiro forte de matar formigas.

O seu Savério, que era homem esclarecido e que chamou o tal caminhão, disse que o remédio era pra matar caramujos. Coitados, deles e dos peixes, que já eram poucos e que não iam ter o que comer. Como a gente, que também já éramos bem poucos.

Prêmio Helena Prates

AO LARGO, 13 FRAGMENTOS

Trinta anos em um lugar não o garantem: a memória falha, a paisagem se altera, as referências se vão. Vinte anos afastado garantem um novo-velho lugar.

O Largo acima, o Largo abaixo, as praças do entorno. Intenso: comércio, veículos e pessoas. Ali, residências e ruas sossegadas, brinquedos de rua, marcas de futebol e copas do mundo. Aqui, restos de feira nos paralelepípedos. Fachadas que não são mais. Pichações que contaram o seu tempo. Pontos de ônibus e de encontros.

A calçada molhada e o ar fresco davam um toque de outono, embora ainda não fosse. Os baques ríspidos das solas de couro quebravam o silêncio da madrugada em longos passos de curtos compassos. Medo, pressa, ou nada em especial: era natural andar assim.

Restos no meio fio, sempre. Homens e mulheres com suas vassouras não davam conta. Indícios da vida intensa que mantinha o Largo acordado. Rostos no meio fio, às vezes. Sono, álcool, miséria de dinheiro, miséria das relações. Indícios de uma humanidade nem sempre acordada.

Tensão, medo, “de menor”, polícia... Meliante não respeita quem está de passagem, só o povo de onde mora. O Largo era passagem: baldeações a varar a noite ligando bairros distantes. Segurança, só noite alta. Tabuleiros de jogo e bebidas, prostitutas nas esquinas: confusão espanta a freguesia.

Uma noite, uma chuva, um rapaz, um guarda-chuvas, uma mulher, uma carreira, dois sorrisos, uma despedida.

O corredor prometia a revolução. Isolado, mais rápido, mais inteligente (seria informatizado!), mais organizado... e o Largo ganhava um grande terminal de ônibus. Elétricos. Progresso. Ligar o Largo à Bandeira. A obra remodela e deteriora caminho. A avenida nunca mais foi a mesma, os problemas sim. Ônibus lotados, excesso de linhas e semáforos, comércio fechado.

Nas rodas da bicicleta o mundo ficou maior, mas solitário. De início, dois irmãos. Lugares se aproximam: hípica, colegas, vilas escondidas. Depois, rotinas diferentes, um roda à noite; outro, a esmo. Distâncias maiores têm seus domingos.

Dois marcos: o Mural e o Borba Gato. Saudosismo quase material do povo bairrista e orgulhoso do bairro que nasceu município e fora engolido pela grande São Paulo. “– Seu Guerra que me perdoe: é Bernardão, sim!” – ficou só no pensamento... Cumprimentos, poemas e homenagens ao Júlio, no auditório da Biblioteca.

O Center Sul existiu – de verdade! Não é lenda! Com suas rampas e paisagens, os vasilhames trocados nos fundos do mercado, o sonho de um cinema nunca realizado.

Feira da Iguatinga que dobrava a esquina e seguia longe. Encurtou tanto que por uma infância ficou só depois da dobra. Madrugada afora, o barulho dos caixotes e da montagem das barracas. Pregões. A volta do futebol da escola em meio às barracas. A xepa e mais barulho de caixotes. O caminhão da limpeza que empurrava a sujeira contra os muros. Depois carros lavados no meio fio, bicicletas nas calçadas, vizinhos nos portões e o Sol levava consigo os ruídos, emendando o sábado e o domingo num só.

Noites de procissão. A cantoria arrastada e presente. A claridade lassa das velas, ato de fé. O arrastar persistente dos pés. Sempre expectador, o muro de elementos vazados transformava o quadro em mosaico.

Cabelos, fumaça de cigarro, gargalhada rude: barbearia do Chicão, seus clientes e suas conversas estranhas, de adultos, difíceis de entender para quem ainda não adoleceu. Corte fiado para cinco, pago de uma vez. Quase esquina da Manoel com a Barão, atalho de quem ia a pé para as delícias da 15.

Ah! A 15! O melhor pão de mel do mundo – quando o Largo era o Mundo! – sabor de bolo português, de mel da cana. Petit four e docinhos de coco fabulosos. Sabores que a avó levava para os netos. Fragmentos de sabores, na memória.

Prêmio Helena Prates

DO QUE FICA PELO CAMINHO QUANDO AINDA SE É MENINO

Na última vez que me vi menino, fazia muito frio lá fora. Um frio daqueles que congela a ponta do pé e deixa a gente meio encolhido, meio do avesso com vontade de coisa quente, seja sopa, café ou abraço. Naquela noite não tinha quentura, até minha alma esfriou com o vento que entrava pelos trincos da janela de madeira em nossa antiga sala.

O pai sempre usou uma carranca de braveza na cara que me dava medo de olhar, mas eu olhava pra aprender a cara que se deve fazer quando se é homem. E eu imitava na frente do espelho todo dia depois do banho.

Só que cara de homem feito não combina na de menino de sete anos, nem cabe, porque fica grande e sobrando feiura para os lados.

Coube em cheio quando aos nove.

Meu pai sentado no banco de tronco de árvore, que já teve vida e agora era descanso pra quem quisesse repousar sobre a sua morte.

As mãos do pai ficavam enfiadas na cara, e ele esfregava tão forte que dava pra ver o sangue juntando nas veias grossas que se formavam na parte da testa.

Eu sentei do lado. Fiquei lá quieto com dó do pai tá tão triste, sem nem saber o porquê de tanta tristeza. Achei que fosse bom alguém do lado, mesmo se esse alguém fosse eu, menino novo e bobo que não entendia era nada da vida.

O pai pegou as mãos que tampavam o rosto e segurou forte por meus ombros.

- Espia, menino. Agora, tu é homem. Acabou essa besteira de pipa e bola todo dia, quando eu tiver na lida, é tu que cuida da casa e das suas irmãs pequenas.

- E por que mamãe não pode continuar cuidando da gente, pai?

- Porque tua mãe num tá mais aqui.

- Tá na casa da Tia Ana?
- Tá num céu de guardar santa, num lugar pra onde vai as mães tudo do mundo.

- Minha mãe tá é morta?

Nunca respondeu, nunca mais vi minha mãe.

O pai perdeu a carranca de homem, agora tinha uma coisa bem feia de se olhar, só depois de grande eu descobri que era tristeza o nome do que ele carregou nos olhos por tantos dias que pensei que o pai tivesse morrido junto com a mãe naquela tarde de inverno.

E já faz tanto tempo desde a última vez que me vi menino, tantos anos que Clarinha e Joana estão tudo moça feita, uma casada a outra perto da data.

Eu aqui nessa casa que tenho chamada de minha, desde o dia que dei tudo que tinha guardado pelos anos de trabalho em troca dela. Vivo aqui mais Antônia e o filho que ela me deu.

O pai ficou lá na casa velha, sentindo o cheiro da terra e do vento, que ainda hoje entram pelas frestas. Ficou por muito tempo sentado no tronco de árvore sem nenhum sinal de vida, nem do tronco, nem do pai.

Mas hoje ele vem. Vem pra conhecer o neto, o primeiro neto.

Chegou com a voz mansa, nem parecia o pai. Demos um abraço sem jeito de abraço, mas com saudades.

O pai olhou para a cara do neto que tinha a mesma cor dos seus olhos na íris que de tão verdinha ficava esbranquiçada. E na cara do pai nasceu um traço largo, bem na parte de baixo, perto do queixo quadrado.

De longe, eu diria ser um sorriso, qual não me lembro de ter visto um dia na boca de meu pai. Mas bem de perto, de pertinho, dava pra saber que o traço era de amor; ao ver pela primeira vez o filho do seu filho.

Prêmio Helena Prates

E FOI NESTE DIA QUE UM GRANDE HOMEM SE FOI

Não posso falar de suas vitórias, de suas histórias mirabolantes, de seu colo aconchegante ou de seu jeito fofo de falar errado por falta de escolaridade.

Infelizmente a memória de uma criança de três anos não armazena essas informações hoje tão preciosas para quem as tem.

Mas, do que posso contar, faz meu coração bater mais forte e meus olhos se encherem de lágrimas.

Um gesto que para muitos seria uma bobagem, mas hoje marca o único vínculo que tenho com ele.

Alguns gestos descobri porque sua linda esposa está se distanciando do presente e se aproximando do passado.

Ela lembra e detalha você, com uma calça social marrom velha, uma camisa social branca tão fina que dava pra ver que por baixo você vestia uma camiseta que ganhou de um político em tempo de eleição, comigo no colo.

A ocasião era meu primeiro aniversário e ao me ver chorando, você me pegou no colo e começou a dançar.

Dançou como se houvesse uma orquestra tocando somente para nós.

Dançou como se não houvesse ninguém ao redor.

Dançou como se soubesse que seria um dos poucos momentos que teríamos para dançar.

Todos os dias em que tive a oportunidade de estar ao seu lado, ele, com todo carinho e sinceridade e amor, colocava a mão no bolso e me dava balas. E não era qualquer bala... tinham que ser dados de amendoim!

Esse “vício” que até hoje tenho, me leva a lembrar daquele momento mágico.

Um momento que até hoje vejo com perfeição.

Uma mão magra, calejada pelo trabalho duro na roça, manchada pelo sol e morena com a mesma cor que tenho hoje, gentilmente oferecendo aquele doce que em meus sonhos parecem milhares de pontos minúsculos em sua mão grande e aberta para mim.

Por mais que tinha somente três anos de idade, o senhor vô sempre estará no meu coração e na minha memória de criança feita mais doce pelo seus simples gestos.

“EL PIBE DE ORO Y LA MANO DE DIOS”

Há 60 voltas da Terra em torno do Sol, lá no país da prata, nasceu Dieguito; não tinha “plata”, não tinha nada. Cresceu numa vila miséria chamada “Fiorito”, onde as casas pareciam feitas de restos de papel, madeira, ou pedra ajuntados; com as sobras espalhando-se ao redor. Dormia ele e mais 6 irmãos; comiam uma vez por dia.

Ainda sem entender muito bem o Mundo à sua volta, sonhava e se divertia com o que tinha ao alcance das mãos; ou dos pés! Descobriu, desde cedo, que chamava a atenção de todos quando “jugaba con una pelota”. Controlava aquele objeto com os pés como se fosse parte de seu próprio corpo!

O tempo passou e “El pibe” cresceu “un poquito más”... Seus encantos já voavam para além de “Fiorito”; todos no país “de la plata” queriam ver o pequeno prodígio e logo vieram oportunidades para usar sua magia no esporte jogado. “El pibe de oro”, já assim chamado, começou então a entender melhor o Mundo em que vivia e foi percebendo que podia mudar sua história e a dos seus. Em seu mundo de sonhos, no entanto, queria mais! Não queria ser “plata”, queria ser “oro”, queria ser Rei!

Mas, já havia um Rei e, inconformado, Diego então decidiu ser “Dios”! Chamado “Don Diego”, já apresentava a elegância de um “Señor” mesclada à sua genialidade natural. Deixou então “la tierra de la plata”, foi em busca de conquistar o Mundo e, após algumas derrotas e vitórias que não faziam jus à grandeza de sua arte, viu-se então diante de seu grande desafio: Conquistar o maior troféu que existia. Vieram os jogos e Diego foi vencendo batalha a batalha com os pés, por si e por todos os seus companheiros de luta. Mas, em duro embate, precisou conversar com Deus e pedir também sua mão emprestada! E assim foi, com a mão de Deus, venceu! Perguntado, foi sincero: — “Fue la mano de Dios! La mano de Dios!” — Logo, realizou seu sonho e virou “D10S”, venerado e cultuado em toda “La Plata”, admirado no Mundo todo.

Mas, o vento do tempo soprou novamente... e Dieguito não entendeu que tudo passa, confundiu-se com sua glória, perdeu-se do menino pobre de “Fiorito”. Errou, sofreu e foi vencido em muitas batalhas. Herói, nunca desistiu! Ao fim, pereceu e virou lenda cantada em todos os cantos de “La Plata”: “Hoy Dieguito está en el cielo”, perdeu sua última batalha e foi devolver “la mano prestada de Dios”!

Prêmio Helena Prates

MEMÓRIAS EM FLASHES

Guapiranga, Lins/SP, década de setenta.

SHAKUHACHI (flauta de bambu)

Após o banho diário no ofurô (banheira de imersão) que ficava atrás da casa de madeira, lá vinha ele, braços arqueados, para a sala. Nós, crianças, estávamos todos brincando ou jogando alguma coisa, esparramados pelo chão. Apesar do semblante austero e de mal falar português, Ditiã (vovô) sempre fora sorridente e carinhoso com todos os netos, indistintamente. Sentava-se em sua cadeira habitual com as costas eretas, empunhava a grande flauta de bambu que ele mesmo havia confeccionado, apoiava-a debaixo dos lábios inferiores, fazia caretas, ajeitava-a, espremia-a contra o queixo, umedecia a borda com sua própria saliva, mexia mais uma vez os lábios como a procurar harmonizar a maciez da boca com a solidez do bambu e só então começava a tocar. Quem já ouviu o som de um shakuhachi antes sabe que penetra na alma e impregna-se para sempre na memória, tanto é que até hoje, mais de quarenta anos depois, quando entro na sala da casa onde antigamente ditiã (vovô) tocava, consigo “ouvir” a melodia vibrante e harmoniosa, o som oco e seco que saía de sua enorme flauta de bambu. Ao longo da vida, comprei CDs japoneses e americanos do gênero em busca de algo que se aproximasse daquele som que ouvia na infância, mas nenhum deles trouxe a melodia tranqüila que me acalmava todos os dias das férias, às seis horas da tarde, pouco antes do jantar.

SHODÔ (arte japonesa da escrita)

Folha de papel em branco fininho e comprido, uma caixinha surrada de papelão acima do papel com pincéis muito macios de diversas espessuras e uma pedrinha retangular preta interessante em declive formando uma rampinha ao lado. Tudo isto disposto sobre a mesa, ditiã (vovô) vinha com um pouco de água, molhava esta pedra em declive e com uma outra pedrinha retangular começava a raspá-la pacientemente por diversas vezes, até conseguir um líquido tingido de preto muito ralo. Este ritual era acompanhado bem atentamente por dois olhinhos que se deitavam por sobre a mesa para ficarem na mesma altura dos pincéis quando entrassem em ação. Não nos falávamos. Eu não perguntava nada e por incrível que pareça, nestes instantes, ficava quieta. Quem me conhece sabe que isto é muito raro de acontecer, mas ele conseguia “me prender” desta maneira.

Nunca pediu silêncio ou teve que chamar a atenção nesta hora. Eram os instantes sagrados! Escolhia lentamente um dos pincéis, molhava-o na tinta preta que havia preparado, fazia outros movimentos ritualísticos com o pincel até obter a quantidade de tinta exata para daí apontá-lo para o papel. Desta hora em diante meus olhos não desgrudariam mais deste pincel molhado. A partir daí, toda atenção seria pouca para acompanhar tudo o que estava para acontecer. Ditiâm (vovô) levantava a cabeça e fechava os olhos, o pincel molhado no ar, como que querendo visualizar como os ideogramas preencheriam aquele espaço. Nestes segundos de concentração eu até segurava a respiração para não atrapalhá-lo e então, recebia como recompensa, a melhor das visões! Em questão de segundos o pincel, ora tocava o papel mais densamente, formando um traço denso, hora elevava-se delicadamente para criar uma curva leve e fininha, hora mal tocava o papel para que o traçado ficasse escasso. Até o que parecia falha era proposital. Genial! Nunca soube quanta filosofia ou poesia (hai-kai) meu avô desenhou e registrou. Só de ter tido a oportunidade de acompanhar os movimentos delicados daquelas mãos tão rudes e calejadas bem de perto, testemunhar o preto tingindo lentamente o branco em formatos artísticos precisos e ver os kanjis (ideogramas japoneses) aparecendo como num passe de mágica diante dos meus olhos, já significa poesia suficiente e da mais alta qualidade para mim.

Prêmio Helena Prates

MEMÓRIAS DE UM PRIMEIRO AMOR

A vida te prepara algumas surpresas inusitadas e por causa de um filme que passava na TV, fui questionada por minha filha de apenas 10 anos sobre o primeiro amor e decidi contar de uma forma lúdica como aconteceu comigo.

“Eu tinha 13 anos, no primeiro dia de volta as aulas. Lembro que o dia estava nublado, bem cinza.

Nesse dia, quando cheguei na escola (onde eu estudava desde o primeiro ano), haviam pessoas novas e eu sabia disso pois conhecia a maioria dos colegas e tinha muitos amigos. Mas, no meio das pessoas novas, um em especial, me chamou muito a atenção.

Sabe quando olhares se cruzam? Quando isso aconteceu eu paralisei por alguns instantes. Seus olhos eram particularmente muito bonitos e senti que os instantes viraram horas até ser arrastada por uma amiga para irmos pra sala de aula.

Já acomodadas em sala, instantes antes da aula começar, aquele mesmo menino entra e meu coração disparou. Ele estava ali, e agora? Bom, não havia muito o que fazer a não ser ser eu mesma e tentar me aproximar.

Acontece que o ‘eu mesma’ versão adolescente era bastante atrapalhada, mas como minha mãe

sempre falou ‘seja verdadeira em tudo o que faz’, não ia ser diferente agora.

Na saída, vi que ele estava indo embora sozinho pra mesma direção que eu. Me aproximei, me apresentei e comecei a puxar papo descaradamente, afinal não precisa ficar sozinho já que não conhecia ninguém, não é mesmo?

Eu sempre fui extrovertida e expansiva e ele discreto e mais calado, eu notava que essa diferença o incomodava um pouco. Apesar de sempre juntos, não éramos propriamente amigos, mas o meu sentimento por ele ia crescendo ao ponto de um dia eu me encher de coragem e me declarar.

Mas, não foi como um conto de fadas e ele disse que não sentia o mesmo por mim. Decidi que apesar de tudo, seríamos amigos.”

Minha filha ficou um pouco decepcionada com o desfecho, mas ainda tinha uma conclusão a história para contar. Disse que ela entenderia quando acabasse.

“Após aquela declaração, nossas diferenças já não o incomodava mais e minha companhia era cada vez mais querida, nos aproximamos realmente e a amizade foi crescendo. Guardei meu sentimento apenas para mim por anos e fomos os

melhores amigos que poderíamos ser. Estando sempre juntos e se divertindo.

Um dia, quando estávamos nos despedindo, minha mãe olhou a cena e comentou quando ele se afastou: “Ele realmente gosta de você”.

Meus olhos se encheram de lágrimas e neste dia me lamentei, chorando copiosamente, desejando que aquilo fosse verdade, mesmo sabendo que não era. Apesar de nunca esconder nada dela, aquela situação guardei só pra mim, naquele momento contei a ela tudo e no final disse:

– Eu fico feliz em o ter por perto e de saber que ele está bem, mesmo não sendo comigo, eu quero que ele seja feliz.

Neste dia ela me abraçou forte e disse:

– Não sabia que você iria aprender tão cedo o que é amor de verdade! Este foi apenas o primeiro e você vai amar de novo outras pessoas. Fique feliz por ter amado e que foi alguém especial. Mas agora ensine seu coração a deixar o sentimento ir, como forma de amar a si mesma também.

Aos poucos fui deixando o sentimento ir e me abrindo para novas possibilidades. Nossa amizade continuou e continuará, não sendo a mesma, claro, mas sendo algo que surgiu de uma maneira inusitada a tornando muito especial.”

Estava estampado um sentimento agridoce em minha filha em ouvir o final da história, a senti bastante pensativa quando finalizei.

“O amor não está no ‘felizes para sempre’, nem tudo é como imaginamos, existem de muitas formas reais de amor, esta é apenas uma delas. Com o tempo você vai descobrir e sempre que precisar conversar, estarei aqui.”

Abracei minha filha, da mesma forma que minha mãe me abraçou naquele dia.

NO TEMPO DA PADARIA DO SENHOR CLÁUDIO

Nunca vi uma pessoa tão cheia de sabedoria, apesar da falta de oportunidade de estudar, mas via o quanto que ele era rico de saber e de experiências de vida. Ele era um doutor, mesmo sem formatura, pois para cada mazela da vida ele sempre trazia uma cura. Quantos dentes de leite ele já arrancou da minha boca, como um bom dentista que era, e ainda por cima, mandava fazer aqueles rezas e orações antigas, que só os mais velhos sabiam. Ele era o meu segundo pai, aprendi muito com ele, afinal família é pra isso, para entregar os valores para vida inteira. E quantos valores ainda levo comigo, uma coisa triste que vejo hoje em dia é o fato da falta de carinho e respeito aos pais, e também aos avós. Ah, meu amigo, você não sabe como foi ter crescido em uma roda de conversa na calçada, ali ouvia histórias de assombração, as bravuras do Lampião o Rei do Cangaço. Como a imaginação fluía, apesar de não haver essas tecnologias de hoje em dia, havia uma certa felicidade, um prazer sem fim, você ali ao lado daquelas pessoas que fizeram parte da sua infância.

Lembro-me, que em frente da imagem de Nossa Senhora de Aparecida localizada na praça da rodoviária. Havia uma padaria, na qual o meu avô trabalhou muito tempo, como vem aquela saudade daqueles pães quentinhos, feito com dedicação tudo artesanalmente. Ele tinha uma marca registrada era

aquela sua simpatia e bom conversador, ganhava muitos clientes pois carismático era. A tarde antes do sol se pôr, no centro de Ipueiras cidade do interior cearense, ouvia uma voz forte:

- Olha o pão, olha pão, olha o pão !

Era ele com a sua bicicleta, com a buzininha, o grajau cheio de pão saído da fornalha.

Ele sempre teve o dom do empreendedorismo nas veias, coisa que na qual não herdei, que pena! como gostaria de ter ao menos um pouquinho só do talento que ele sempre teve na vida. Meu avô sempre viverá na minha memória, as pessoas que amamos sempre viveram dentro do nosso coração, em cada detalhe, em cada momento vivido, em cada conselho recebido. Hoje em dia em Ipueiras têm várias outras padarias, mas sempre sentirei saudade daqueles pãezinhos feitos com amor. Senhor Cláudio será sempre uma memória viva naquele município, onde tem um Cristo Redentor ponto turístico de braços abertos abençoando a pequena cidade, ali onde corre o rio Jatobá animando a criança nas férias. Não sei se ainda existe a antiga padaria, onde por acaso na minha infância aprendi um pouco sobre a arte de fazer pão continua de pé, sei com toda a certeza que o fermento das boas lembranças ainda ganham formas nas fornadas quentes da saudade no meu coração.

O AMÁVEL ESTRANHO

Um belo domingo de sol. Um domingo vazio de afazeres, de amigos. Solitário. Cansado das paredes do quarto, dos móveis, de si mesmo, resolveu sair. Colocou os pés fora de casa pela primeira vez durante todo o dia. O sol já começava a pintar de vermelho as nuvens no horizonte.

Anda a esmo, sem pensar na direção. Ao longo do caminho, alguns conhecidos o cumprimentam. Chega numa pequena praça e decide sentar-se num banco mais afastado. Na quadra, uma partida de futebol, recheada de gritos e palavrões. Algumas crianças com seus pais, adolescentes em grupos animados, alguns casais bonitos e jovens. Desvia o olhar, porque tanta beleza e juventude lhe dão uma pontada de amarga inveja. Concentra-se na árvore frondosa no centro da praça, nos galhos que dançam com o vento que começa a ficar mais forte.

Uma bola acerta sua perna. Logo surge um garotinho que a apanha e se mantém parado diante dele, olhando-o fixamente.

- Pede desculpas pro moço, Juan!

Um sujeito se aproxima, obriga o garoto a se desculpar.

Quando o vê, diz:

- Júnior! Quanto tempo, cara!

São velhos amigos de infância. Não lembra a última vez em que conversaram. Soube do seu casamento através das redes sociais, também pela internet soube que ele seria pai. E agora seu filho já tem quase quatro anos. Há pelo menos seis anos que não se viam, morando a alguns quarteirões de distância.

Dizem que homens casados tendem a engordar. Seu amigo, contudo, ainda mantém o mesmo porte atlético. Talvez não esteja casado por tempo o suficiente. Observa o menino. Impressionante como se parece com o pai! Deve ser realmente fantástico acompanhar o crescimento de um filho, uma cópia em miniatura de si mesmo.

Eles não têm muito sobre o que conversar. Foram melhores amigos, e é triste constatar que não se conhecem mais. Relembra velhas histórias, amigos em comum, o tempo

de escola. Falaram sobre os que se casaram, os que se mudaram para longe, os que já morreram. Esses tipos de encontro são sempre nostálgicos, o que não faz muito bem ao seu atual estado de espírito.

Começa a escurecer. O pai decide que já é hora de ir embora, sob protestos do filho, que deseja brincar um pouco mais. Decide acompanhá-los. Eles moram muito perto do lugar onde moravam quando eram crianças, então todo o trajeto lhe é dolorosamente conhecido. Quando foi que tudo ficou tão diferente? As árvores onde costumavam subir já não existem mais. Ele tinha uma árvore preferida, dela ele conhecia todos os galhos, todos os cantos. Muito magro, se deixava ficar no lugar mais alto, se acomodava no emaranhando de ervas de passarinho e balançava ao sabor do vento, que não lhe fazia medo.

Ruas asfaltadas, algumas crianças reunidas, totalmente submissas à ditadura dos celulares. Passa em frente à casa onde morou. O mesmo portão ainda azul, a mesma pobreza, poucas modificações. A casa que visita em sonhos recorrentes. Talvez um dia ele a compre de volta, numa tentativa infrutífera de atar as duas pontas da vida.

“Eu senti sua falta, meu amigo”, pensa, enquanto aperta sua mão. Mas não era a falta dele que sentia, porque acabou de conhecê-lo. Esse homem em pé diante dele, apertando a sua mão e sorrindo um bonito sorriso corrigido por aparelhos, esse homem é um estranho, um completo e amável estranho. A saudade que sente é do garoto de boné e dentes tortos que costumava ser seu melhor amigo.

Eles se despediram com as usuais e falsas promessas de manter contato, de marcar qualquer coisa, qualquer dia. Abaixou-se e apertou a pequenina mão do Juan. Nos seus olhos, escuros como os do pai, ele viu um pouco da sua própria infância, tão distante, tão saudosa. Continuou andando, sozinho, por mais algum tempo. Depois caminhou de volta para casa, deserto e sombrio por dentro como tudo o mais ao seu redor.

Prêmio Helena Prates

O ITARARÉ DAS LETRAS

Helena Prates tinha sete anos quando sua família a levou para visitar uma fazenda em Caetitê na Bahia, dormiu cedo e sonhou com um lobo na encosta de um rio.

— Anime-se menina, amanhã procure a árvore próximo a um limoeiro, o único na fazenda, suba o mais alto e achará o Itararé.

Acordou com um brilho nos olhos, vestiu-se, tomou o café da manhã e abraçou o sol como de costume.

Helena encontrou o limoeiro, vestiu o short azul sob o vestido e subiu, quando chegou ao topo, sentiu-se saindo por debaixo da terra. Ouvia os sons dos pássaros declamando poesias. O rio era igual ao dos sonhos podia tocar e sentir os aromas das flores.

Passou horas escrevendo no caderno suas memórias do Itararé.

— Lenaaa... Helena... — Eram sons de vozes distantes de sua família e amigos que conheceu na fazenda, pareciam preocupados

Helena mesmo gritando, ninguém escutava, o lobo retornou — Calma menina, é só subir a árvore e retornará ao seu mundo.

Lena subiu o mais rápido que podia e percebeu que estava não se sabe como, descendo aos gritos— Estou aqui, perto do Limoeiro. Seus pais ficaram tão felizes em reencontra-la com um sorriso maroto no rosto.

O retorno para casa, assim como a vida, fora rápido.

Motivada pelas artes, cênicas e literárias, construiu um legado. Descobriu amores e teve filhos. Saiu da sua cidade Caetité na Bahia para o interior do Estado de São Paulo em Sumaré onde seus dons artísticos fluíram como um rio sinuoso. E foi em uma premiação de uma editora que eu Lobo Alves, em minha forma humana, tive o prazer em rever essa pessoa tão preciosa quanto a prata.

Pós texto.

No mundo real, tive pouco tempo para conhecer na íntegra a grande poetisa, a maior interação ocorreu por recursos técnico sociais, não sei se em sua infância existiu o passeio a uma fazenda em Caetité. Posso afirmar que Helena Prates abraçou todos raios de sol bebendo da fonte do Itararé das letras. Meu único pesar é essa homenagem chegar após ela retornar ao Itararé das letras deixando aos amigos, parentes e leitores sua arte e a saudade de seu sorriso que guardo como herança na foto e espero que seja publicado junto ao texto.

Com amor a saudosa poeta Helena Prates

O SEGREDO DA PENA

Passando por uma cidadezinha do interior entrei por engano em uma estradinha de pedras bem redondinhas que levava a um pequeno antiquário, um ateliê.

Com uma frente toda decorada por peças antigas, tive minha atenção cativada de imediato e me apressei para conhecê-lo.

Caríssimas e singulares, cada peça trazia consigo uma bela história.

Separei de forma humilde, dentre tantas peças interessantes, três que cortejaram meus olhos, todas pequenas e encantadoras.

Me dirigi até o curador do ateliê e pedi para que o valor das três peças fosse calculado, e dessa mesma maneira, me despedi de minhas economias.

De bolso vazio mas com o coração ardente de paixão pelo tesouro adquirido, corri para casa onde poderia contemplá-las em meu recinto. Um pingente dourado que se compunha em seu centro por uma fechadura capaz de ser aberto apenas por uma pequena chave que o acompanhava, uma caneta de pena de ganso e um livro de magia adornado.

O relicário aberto revelava uma escritura em seu interior, que fazia referência ao livro que coincidentemente havia selecionado junto.

Com a caneta de pena e minha curiosidade voraz, folhiei o livro selecionando as páginas e marcando em uma agenda as magias que mais me ganhavam.

Para minha surpresa, reparei que as anotações que eu havia feito como um todo estavam se configurando como uma nova escrita. Ao ler a última palavra de minhas anotações, fui carregado para um outro mundo.

Sons, cores e brilhos revoavam ao meu redor, e para onde quer que eu olhasse, todas as peças que eu havia visto anteriormente estavam lá, e contavam suas histórias umas para as outras.

Não pude me segurar, queria e devia aprender tudo, tudo o que contavam. Naquele mundo, tomei o diário que estava em minhas mãos e escrevi, palavra por palavra até o ponto final- quando finalmente fui devolvida para o mundo anterior.

De volta, percebi que havia anotado tudo em meu diário- físico e palpável, o diário do mundo que conhecemos por normal. Todas as lembranças estavam ali, e havia decidido que este seria lançado no final dessa jornada.

Aguardo ansiosa para saber o que acontecerá com os leitores que se entrelaçarem nessas histórias encantadas.

Prêmio Helena Prates

O VISITANTE

Era um cair de noite que lembrava muito a outras tantas; mas aquela seria única. Eu, juntamente com Tomazin e Achacha, ali estávamos, e conversávamos sobre a sutileza dos conhecimentos filosóficos da antiga Índia: o Raja Yoga – conexão com Deus. A conversação era envolvida por sorrisos.

- Tomazin, essa sopa de mandioca é muito saborosa, quero ter a receita, disse eu.

- Sim, Paulo Bhai, te dou a receita e também outras que considero especiais, respondeu-me o colega, com um breve sorriso.

- Vocês se lembram daquele ponto da nossa aula matinal de hoje? A que dizia que podemos também fazer muitos trabalhos espirituais por meio das comidas? Indagou Achacha.

- Sim, as impressões desta aula matinal de Raja Yoga ainda gotejam na minha mente, respondi. - No silêncio da mente podemos emanar vibrações de paz para os alimentos, e aqueles que comerem tal comida serão invadidos por ondas desta mesma paz, afirmei aos colegas.

Na varanda, ao pé da mangueira, a noite se fez presente. De repente, ouvimos um barulho estranho.

- Nossa! O que será isso? Disse eu, assustado.

- Deve ser uma raposinha ou um tatu, opinou Achacha.

Nisso permanecemos mudos os três. É eis que surge ali, diante de nós, um ilustre visitante; tratava-se de um tatu de cor escura que vinha caminhando entre as folhas, mexendo-as

e procurando por minhocas, seu “prato” predileto. E nós três permanecemos em silêncio apreciando os movimentos daquele animal, que mais pareciam os passos de um balé primitivo.

É o animal aproximou-se sem se preocupar com a presença de seus observadores. Parecia estar familiarizando-se com os humanos. Eu não tirava os olhos daquele bichinho, enquanto meus companheiros saboreavam a sopa de mandioca. Como nunca havia visto um tatu tão de perto, eu me mostrava como que enamorado da presença do animalzinho. Ele estava ali, a talvez um metro e meio de nós, e eu procurava registrar aquela cena.

Eu, Tomazin, achacha e o tatu sob o teto das estrelas; e o mais adorável ainda era saber que aquela harmoniosa cena se repetiria eternamente no drama da vida, pois vivemos um drama eterno, e cada pessoa ou qualquer ser vivo é um ator desempenhando seu papel, assim como num drama limitado que se repete em um palco de um teatro quando uma peça entra em cartaz. Assim também é a vida, ela se repete; mas nós não temos essa percepção, então as cenas acontecem em nossa vida como se fossem a primeira vez. Porém, há momentos em que temos um átimo de impressão de já termos visto isto ou aquilo antes.

A noite, as estrelas, a lua, o tatu, Tomazin, Achacha e eu. Tudo acontecendo uma vez mais, no drama eterno da vida.

QUARTINHO DA BAGUNÇA

A memória se desfaz com tudo, seja bom ou mal, acabamos nos esquecendo, mesmo quando não queremos. Objetos são como chaves, que abrem um quatinho de bagunçado e essas são as memórias.

Joana na sua velhice, possuía um enorme quarto de bagunça, assim como inúmeras memórias. Com o passar do tempo, juntar os objetos acabou se tornando uma tarefa fácil. Se livrar deles se tornou algo quase impossível.

Sempre que precisava depositar algum velho objeto fazia-se de noite. O quatinho no fundo da casa era em um pequeno corredor que também abrigava a lavanderia, a iluminação do lugar, era suficiente para o trabalho com a roupa suja e pouco auxiliava no depositar o novo tesouro. Em uma de suas rotineiras lavagens de roupa noturnas, quando colocava a máquina para trabalhar e ali a abandonava até o nascer do dia, notou a porta do quatinho entreaberta e quando se pôs a desvendar o motivo, já descobriu sem nenhuma demora. Seus netos haviam a visitado aquela tarde, com toda certeza acabaram por bagunçar ainda mais o quatinho e em algum descuido, fizeram com que a fechadura ficasse permanentemente aberta.

Relutantemente, após muito tempo, se pôs a iluminar aquele quarto novamente o interruptor que acendeu uma lâmpada velha, de luminosidade amarelada. Joana sempre se sentia confusa quando o assunto era memória, entrava em conflito de querer se lembrar e de se esquecer. Da memória lhe fazer feliz, mas também a saudade a machucar. Por esse motivo mantinha o quatinho da bagunça cheia de memórias, por não saber como olhar para o próprio passado.

Examinou a fechadura e constatou que seria necessário desmonta-la, mas isso seria um trabalho para ser realizado de dia. Voltou então com as chaves do lugar e deu uma última olhada para o interior da sala. Armários e prateleiras com amontoados de objetos, sacolas e caixas em todos os cantos e como era de se esperar, um rastro dos netos, de brinquedos velhos jogados.

Abriu um sorriso complacente, que se encerrou ao ver uma viola, empoeirada e sem corda, que a fez impulsivamente cruzar a sala até seu encontro. Pegou-a, apagou a luz e trancou o local.

Quando voltou para a copa utilizou sua máscara branca para recolher a sujeira do tempo. Com toda a paciência e cuidado passou minutos limpando e verificando cada detalhe. Até que limpa, a pôs para descansar em cima da mesa. Joana cansada, decidiu ir tomar seu banho antes de ir para a cama. Assim que se pôs de pé, escorando na guarda da cadeira, subitamente ouviu o som da viola.

Ela reconhecía as notas que pareciam se afinar, como se um exímio músico a preparasse, lentamente se virava para o instrumento que ganhava cada vez mais vida em seu olhar. O instrumento imóvel parecia irradiar calor e energia, como se o sol aquecendo um dia frio de outono. Sensações brotavam, enquanto a afinação dava espaço para a música, que aquecia o coração de Joana. Os acordes ressoavam e transformavam o ambiente em uma tarde ensolarada, aconchegante, de vento refrescante. Sentia o doce sabor das bebidas quentes que preparava nesses tempos e conseguia ver claramente a beleza das folhas amarelas que voavam ao vento. A fantástica melodia do instrumento era como se estivesse retornado a lugares memoráveis, que sempre recusava retornar, mas a viola trazia consigo, vividamente, cada pequeno detalhe.

Se desenrolava a música conhecida, enquanto Joana dançava com o sol e o calor a banhando, até que no fim, restaram apenas lágrimas e um sorriso em seu rosto. Era esse misto de sentimento que lhe confundia a relação que tinha com suas memórias. Entretanto, seu coração, cheio de alegria e calor, tomou enfim a decisão de aceitar as lembranças. Lembranças essas do tempo em que seu marido era vivo e tocava a viola, de quando ela ainda possuía audição e do acidente que a privou de tudo isso.

ME DÁ UM CONTO QUE CONTO UM CONTO

Me lembro da história de um jovem rapaz que levantava de madrugada. Toda manhã montava seu cavalo por nome de ventania e galopava pela invernada, ajuntando as vacas para serem ordenhadas.

Enquanto tirava o leite das vacas, percebeu que uma jovem o observava. Num certo dia, ele criou coragem, foi falar com ela e começaram a namorar.

Mas os pais da moça proibiram o namoro, mas eles foram em frente, namorando as escondidas.

Numa noite, ela decidiu fugir com ele, em seu cavalo ventania e desapareceram no mundo.

Por isso, quando você ver uma ventania, pode ser o casal que está passando por aí.

E assim, termina o meu conto, que vale um conto.

SURPRESA DA LUA

Algo tinha me dito que aquela seria uma noite especial. O céu estava vasto de estrelas, a lua era cheia e estava especialmente reluzente.

Ao chegar no evento, eu mal pude acreditar. Vi as apresentações, uma por uma, assisti com atenção a cada uma delas.

Mas quando observei aquela atriz, minha atenção foi completamente tomada.

Ela interpretava com a alma, tinha doçura na voz e gestos leves. Olhar enigmático e expressão compenetrada. Lembrava muito a minha mãe, a mulher encantadora e carismática, que Deus já havia “recolhido” desta terra a alguns anos atrás. Tomada pelas memórias da minha infância, ao término da última cena, admirei o talento da jovem senhora. Em pé, bati palmas ainda com mais força, não demorou muito tempo, meus olhos transbordaram a chorar. Saí do teatro emocionalmente desconsertada, mas caminhei calmamente até minha casa. Olhar para a lua que no céu brilhava lindamente, me fez pensar que estava bem acompanhada. Deitei a cabeça, no travesseiro, cheia das lembranças que no meu coração ainda estavam... Concluí que por mais que a ausência da minha mãe fosse um fato incontestavelmente irreversível, a saudade no meu peito ainda latejava.

Prêmio Helena Prates

UM CANTO DE SAUDADE

Foi numa nublada manhã de inverno que o senhor Yoshimura acordou com um pressentimento estranho no peito. Além disso, ele jurava que tinha ouvido o canto de Juquiá, a ave de seu vizinho, que estava desaparecida há mais de 2 meses. “Apareceu! Já não era sem tempo”, pensou o simpático senhorzinho. Yoshimura levantou de sua cama com dificuldade, pois já não tinha mais a desenvoltura da juventude, calçou as pantufas e pegou os 5 comprimidos de remédios que tomava, de modo sagrado, todos os dias da semana. Havia algo realmente estranho no ar.

Tentando ignorar as estranhas sensações, foi até a cozinha para preparar o costumeiro missô de café da manhã. Sorria todas as vezes que colocava as cebolinhas na sopa, visto que lembrava que a esposa as odiava e ralhava sempre com ele ao descobrir suas tentativas vãs de incluir a verdura no prato. Uma lágrima brotou de seus olhos, os quais ele logo limpou, por debaixo dos óculos. Como desejava que Analu ainda estivesse ali, brigando por causa das benditas cebolinhas.

Saudoso, ele decidiu vasculhar a preciosa caixa vermelha, em que guardava as fotografias de familiares que compunham sua vida. Lá estavam os pais, os irmãos, a tão amada esposa, os dois filhos e o neto. O senhor Yoshimura se sentiu feliz, como sempre se sentia ao olhar os retratos, afinal, sua vida fora tão bem vivida. Parou um instante. Era o canto do Juquiá. Ele tinha certeza.

Quando estava guardando as fotografias, deparou-se com um broche prateado em formato de estrela, aquele que Analu sempre usava. Lembrou-se do dia em que a pedira em casamento, no Parque das Colinas, lugar em que se conheceram. Ela estava tão bela e radiante. As memórias eram tantas. Às vezes, desejava poder revivê-las. Lá estava ele sozinho, com o pressentimento. “Eu realmente preciso avisar o Geraldo”. Guardou a preciosa caixa e rumou para a casa do vizinho. Foi no meio do caminho que ele sentiu a tontura e desmaiou. Ouviu

o canto do Juquiá pela última vez.

“Senhorita Analu, ele acordou!”. A moça mal podia se conter de ansiedade e alívio. Correu para falar com a enfermeira, que logo a liberou para falar com o jovem Yoshimura. Na tentativa de resgatar o pássaro de seu avô, ele caíra e batera a cabeça. Desde então, havia apagado. Analu pensou que o pior poderia acontecer. Mas, felizmente, ele acordara.

“Analu!! Eu não acredito!”, Yoshimura a abraçou como se tivesse passado longos anos distante dela e não apenas alguns dias. “Eu... tive um sonho muito estranho!”. O moço desatou a chorar, mas estava aliviado por tudo não ter passado de devaneio. Afinal, ele pouco aproveitava a vida e as pessoas amadas, já que sempre fora muito contido e cauteloso, o que o impedia de vivenciar muitas coisas.

Analu se sentiu emocionada ao ouvir o impressionante relato. Ela contou ao namorado que seu avô o visitara e ficara horas no quarto. Não sabia o que ele havia lhe falado, mas deixara um broche prateado com o neto. Yoshimura olhou perplexo para o objeto, sem entender muito bem o que havia acontecido.

Após algumas semanas, já recuperado, mas ainda confuso, Yoshimura foi visitar o avô. Quando chegou em sua casa, notou que ele estava vestido para viajar. O senhorzinho oriental, com sua camisa florida, um chapéu, óculos escuros e pochete, deu um riso misterioso para o neto e apenas lhe disse: “o Juquiá danado se foi! Mas a sua vida não, meu neto! Crie muitas memórias. Você não sabe o que é ter 80 anos ha ha ha”. Então, entrou no táxi e acenou, enquanto o veículo partia.

Yoshimura, de repente, pareceu entender tudo. Não conseguiu conter inúmeras gargalhadas. Seu avô sempre fora um homem muito espirituoso. Ele foi embora, rumo ao supermercado, não podia esquecer de comprar cebolinha! Analu ia adorar. No caminho, jurou que tinha ouvido o canto de Juquiá.

VELHA ESTANTE

Sabe...Olhando, dedilhando e relembando os velhos e saudosos livros do passado... As ruas sempre estão nas páginas da saudade... Ainda eram os anos da velha infância quando retirei um livro da fileira do tempo que fazia só dormir em sono profundo, coberto pelo cobertor de pó do quase esquecimento. Não havia asfalto, nem guias e nem sarjetas... Poucas eram as recomendações, nem lamentações. Era pó e poeira, terra e areia; entre muitas pedras e pedregulhos de longe e de perto só se ouvia muito barulho. Aos olhos dos velhos o brilho era de orgulho. Não me lembro de nomes, muito menos sobrenomes.

O Zé era o Zé, quando não, tínhamos que dar no pé; outros então... Reinavam soberanos como chefes em meio a muitos. Quando a chuva caía... Que alegria, a enxurrada rua abaixo descia, quantas estripulias. Os dias eram quase uma constante do ir e vir da liberdade, desta tal felicidade que se foi bem cedo.

Pra dizer a verdade, quando essas memórias acontecem, sempre tem algo que me desperta: O livro que estava aberto entre as lágrimas da memória se fecha; as lembranças vão embora para quando eu voltar eu não sei... Deixando meus dedos empoeirados e os olhos nadando na lagoa da saudade.



Diretoria Executiva e Conselho Fiscal para 2018/2021

Presidente: Carlos Eduardo de Lima dos Santos

Vice-Presidente: Luis Antônio da Silva

Secretaria: Rosângela de Cássia de Jesus Lopes

Tesoureiro: Wellington Correia de Oliveira

1º. Suplente: Antonio Daniel do Carmo

2º. Suplente: Sueli Maria Avelar Soares

Conselho Fiscal:

1º. Conselheiro: Wesley da Silva de Oliveira

2º. Conselheiro: Gutemberg Portella

3º. Conselheiro: Maria Helena Prates (in memorian)

www.amigosdabiblioteca.org.br

É com enorme satisfação que apresentamos o livro “Memórias – Prêmio Helena Prates”, pensado e escrito especificamente para homenagear uma excelente escritora, artista e amiga da literatura na cidade de Sumaré. Este livro, composto por poesias e minicontos, é fruto do Concurso Literário – “Prêmio Helena Prates”, lançado em 2021 pela Sociedade Amigos da Biblioteca Municipal de Sumaré.

Esta obra é produzida com muito carinho pela Comissão Organizadora, e agradecemos a todos os participantes do concurso. E, finalmente, ressaltamos nosso agradecimento mais que especial à Helena Prates pela inspiração artística, pela sua luta, pelas dificuldades vencidas e por toda beleza poética dedicada a nós.

Boa leitura!

